

ANA HELENA SEMEDO DE ANDRADE



**A FESTA DO SANTÍSSIMO NOME DE JESUS NO
CONTEXTO DA RIBEIRA GRANDE-CIDADE PATRIMÓNIO**

LICENCIATURA EM HISTÓRIA RAMO – PATRIMÓNIO

UNI-CV – PRAIA

2009

ANA HELENA SEMEDO DE ANDRADE

A FESTA DO SANTÍSSIMO NOME DE JESUS NO
CONTEXTO DA RIBEIRA GRANDE-CIDADE
PATRIMÓNIO

Trabalho científico apresentado na UNI-CV para obtenção do grau de Licenciatura em
História Ramo – Património, sob orientação da Dra. Antonieta Lopes.



UNIVERSIDADE DE CABO VERDE

DEPARTAMENTO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS

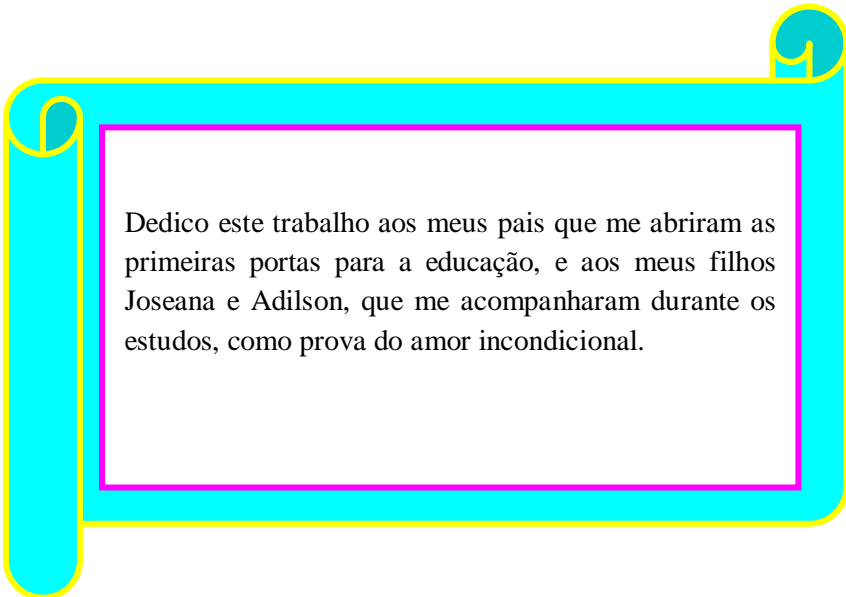
“Trabalho científico apresentado na Uni-CV para obtenção do grau de licenciado em História Ramo-Património, sob orientação da Dra. Antonieta Lopes ”.

Elaborado por Ana Helena Semedo de Andrade, aprovado pelos membros do júri, foi homologado pelo Conselho Científico, como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciatura em História, Ramo Património.

O JURI,

Universidade de Cabo Verde, Cidade da Praia, ____/____/____

DEDICATÓRIA



Dedico este trabalho aos meus pais que me abriram as primeiras portas para a educação, e aos meus filhos Joseana e Adilson, que me acompanharam durante os estudos, como prova do amor incondicional.

A GRADECIMENTOS

A elaboração deste trabalho só foi possível graças a Deus que me ajudou nesta jornada e, graças ao apoio e a colaboração de algumas pessoas que me informaram e me cederam dados de grande importância para a realização do mesmo.

Chegar à meta deste trabalho é muito mais do que concluir um sonho que, à partida individual, ao longo do seu desenvolvimento ganhou contornos colectivos pelo envolvimento e engajamento de amigos e instituições sem apoio dos quais seria impossível a sua concretização. Assim, partilho este momento, através do meu reconhecimento e agradecimentos, com todos que de forma directa ou indirecta colaboraram na execução deste trabalho.

À professora, Dr.^a Antonieta Lopes, pela orientação e amizade.

Ao Instituto da Investigação e do Património Culturais (IIPC), particularmente na pessoa do Dr. Martinho Brito e Dr.^a Eugénia Alves por terem apoiado institucional e materialmente parte significativa das pesquisas feitas no quadro do desenvolvimento curricular do curso.

Ao meu esposo, José Maria Tavares, pelo companheirismo e momentos de partilha de ideias, pelos comentários e críticas, incentivos e apoio moral nos momentos em fraqueza e que a tentação de desistir foi mais forte.

Aos meus colegas de licenciatura, pelos bons momentos de partilha, com especial carinho a todos pelo apoio moral e valiosas sugestões.

“Felizmente o passado nunca morre completamente para o homem. O homem pode esquecer-se dele, mas guardá-lo-á sempre em si. Porque, tal qual é em cada época ele é o resumo e produto de todas as épocas anteriores.”

(Bernardi, 1988, p. 38)

ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO	9
-------------------	----------

CAPÍTULO I

ENQUADRAMENTO HISTÓRICO E RELIGIOSO DA RIBEIRA GRANDE DE SANTIAGO	12
--	-----------

1.1 – Enquadramento Geográfico	15
1.2 – População	16
1.3 - Património cultural, turismo e desenvolvimento da Cidade	16
1.4 - Defesa e protecção do património imaterial	18
1.5 – Defesa e Protecção do Património	19
1.6 - Da Divulgação e da Dinamização do Património	21
1.7- A Musealização do Sítio Histórico	23

CAPÍTULO II

CRIAÇÃO E EVOLUÇÃO DA FREGUESIA DE SANTÍSSIMO NOME DE JESUS	25
--	-----------

2.1 - Santíssimo Nome de Jesus	25
2.2 – A simbologia do Santo	31

CAPÍTULO III

O RELIGIOSO E O PROFANO NA FESTA DE SANTÍSSIMO NOME DE JESUS

3.1 – O significado da Festa	33
3.2 – Etnografia da festa	36
4 A Romaria sua origem	44
4.1 – O Religioso	42
4.2 - O Profano	49
4.3 – O sincretismo religioso: O caso dos juízes da festa	51
5 A festa sob o olhar dos residentes	52
CONCLUSÃO.	54
BIBLIOGRAFIA	68

INTRODUÇÃO

O presente trabalho de investigação destina-se à obtenção do grau de licenciatura em História Ramo Património, constituindo uma das exigências em vigor na Universidade de Cabo Verde, e tem por objecto uma das vertentes culturais da Cidade Velha, a Festa do Santíssimo Nome de Jesus, a mais importante comemoração religiosa do Concelho da Ribeira Grande de Santiago.

Tratando-se de uma temática sobre a qual quase nada está escrito, exceptuando alguns artigos e comentários nos meios de comunicação social, pareceu-nos pertinente explorar esta festa religiosa, quer pelo interesse por termos estagiado no referido concelho quer ainda porque representa uma oportunidade de descobrir mais acerca da referida festa e contribuir para na sua divulgação.

Pretendemos, assim, através deste estudo aprofundar o nosso conhecimento sobre a Cidade Velha, particularmente na expressão da fé religiosa e da vivência popular no quadro das festividades de *Nhô Santo Nome*, e ao mesmo tempo amadurecer a reflexão sobre questões ligadas à preservação do património, campo privilegiado ao longo da nossa formação académica. Trata-se além disso, de um meio de sensibilização de todos quantos se interessem pela defesa e preservação do património cultural de Cabo Verde e da Cidade Velha em particular.

No essencial, procurámos sistematizar informações relativas ao contexto – geográfico, patrimonial –, concentrando a abordagem principal numa espécie de etnografia da festa do Santíssimo Nome de Jesus, também designada de Santo Nome, numa das freguesias do concelho de Ribeira Grande de Santiago (Cidade Velha).

Perante o emaranhado de festas religiosas que se realizam em Cabo Verde, distribuídas por todas as freguesias do país, é natural que muitos de nós desconheçamos pormenores e especificidades de cada festa., razão que, por si só, justifica a realização de investigações neste domínio. Além disso, a festa, mormente a religiosa, constitui um campo privilegiado para a expressão da cultura nas suas mais variadas manifestações. É

assim que aspectos aparentemente tão diferentes como os rituais religiosos e as danças populares se cruzam numa mesma comemoração marcadamente religiosa. O próprio religioso extravasa os limites da Igreja, manifestando-se nas ruas através das procissões, mas também nas refeições colectivas e até mesmo nos bailes.

Ao realizar este trabalho, procurámos analisar diversas vertentes implicadas, nomeadamente os momentos do ritual religioso e as demais actividades. A opção por esta festa religiosa conduziu-nos a um desenvolvimento descritivo numa perspectiva histórica que propõe o paralelismo entre duas vertentes culturais o religioso e o profano, ou extra-religioso, como o designamos, uma vez que a marca do sagrado atinge de certa forma todos os elementos.

Em termos metodológicos, a elaboração do trabalho baseou-se em três pilares, constituídos essencialmente por pesquisa bibliográfica, entrevistas e trabalho de terreno, durante o qual foi possível a aplicação de questionários a elementos da população da Cidade Velha, posteriormente analisados e vertidos no nosso texto final, que se apresenta estruturado em três capítulos.

O primeiro, de carácter geral, que trata do enquadramento histórico e religioso da Ribeira Grande de Santiago, tendo debruçado sobre a sua caracterização geográfica, a sua população, património cultural, turismo e desenvolvimento da Cidade, defesa e protecção do património imaterial, divulgação e dinamização. Estes aspectos foram considerados no trabalho dada a relevância que assumem no contexto em que a festa se desenrola. Em outra festa e outro espaço, o seu sentido seria outro. No caso da Cidade Velha constituem aspectos fulcrais.

No segundo capítulo, falamos sobre a criação e evolução da freguesia do Santíssimo Nome de Jesus, tendo feito um estudo sobre o Santíssimo Nome de Jesus e a simbologia do santo. Trata-se de um enfoque centrado em bibliografia de carácter religioso e nos dados das entrevistas ao Pároco da Freguesia, de quem recebemos também importantes apontamentos para o nosso estudo.

No último capítulo, o religioso e o profano na festa de Santíssimo Nome de Jesus, fizemos uma incursão sobre o significado da festa, tendo em vista a sua etnografia e a Romaria, procurando também descrever o pensar dos residentes em relação à referida festa.

Complementam o trabalho esta introdução, a conclusão e os anexos, em que apresentamos algumas gravuras, reproduções de fotografias extraídas do dossier de candidatura da Cidade Velha a património da humanidade um exemplar da base do nosso guião de conversa com a população.

Quando iniciámos a redacção deste trabalho, a Cidade Velha aguardava ainda a decisão sobre o processo de candidatura a património da humanidade. Ao terminar, concretizou-se de facto a expectativa e hoje temos uma cidade património da humanidade. Este facto, embora pressentido durante o nosso trabalho não constituiu preocupação principal, mas agora, podemos reforçar: serão necessários diversos estudos nas mais variadas vertentes do património para que cada vez mais Ribeira Grande / Cidade Velha mereça o seu título. Nós iniciámos a nossa modesta contribuição.

CAPÍTULO I

ENQUADRAMENTO HISTÓRICO E RELIGIOSO DA RIBEIRA GRANDE DE SANTIAGO

A Cidade de Ribeira Grande de Santiago (Cidade Velha) é considerada o berço da Nacionalidade Cabo-verdiana. Foi a primeira cidade construída nos trópicos pelos portugueses, desempenhando um papel preponderante no apoio à expansão portuguesa e no desenvolvimento do comércio internacional e da navegação de longo curso entre os quatro cantos do Mundo.

A ocupação humana da antiga Ribeira Grande teve o seu início em 1462, servindo de abrigo e apoio para muitos navios que se dirigiam para a costa Africana, Antilhas ou Brasil.

“ A partir de 1533 os portugueses decidem elevar a vila à categoria de cidade e erigir a sede do bispado, abrangendo não só Cabo Verde, mas também a Guiné. Desde a sua fundação Ribeira Grande foi um centro sócio – económico, administrativo – militar e eclesiástico. Nos meados do século XVI era um dos entrepostos comerciais de maior relevo no Atlântico.”¹

¹ CABRAL, IVA – *Ribeira Grande: Vida urbana, gente, Mercancia, Estagnação*. In VÁRIOS, *História Geral de Cabo Verde*, II Vol, p. 226

Situada entre montes e rochedos tão altos que não tem outra vista se não a do mar, a capital das ilhas era dividida por uma ribeira chamada Maria Parda. A Cidade da Ribeira Grande nasceu junto à Baía, fundada por homens ligados ao mar. Foi aí que ergueram o Pelourinho, símbolo da autonomia municipal frente a Câmara. Na mesma localidade construíram a igreja, o hospital da misericórdia e o presídio. Esse espaço urbano era formado por ruas pequenas e becos, como a do calhau, da praça, do porto e da misericórdia.

“Com o aumento da população, o crescimento do espaço urbano fez – se na margem direita da ribeira Maria Parda, onde nasceram dois bairros: o de São Pedro e o de São Brás. São Pedro situado no vale da ribeira possuía três grandes ruas principais que se iniciavam no ponto onde surgem os navios: rua de banana, rua de São Pedro ou direita e rua da Carreira.”² Neste bairro encontravam-se as casas mais opulentas, os sobrados mais ricos já que era aí que vivia a maior parte dos vizinhos e oficiais régios.

O bairro de São Brás fica situado no alto de um rochedo a ocidente da Baía, o sítio mais sadio da cidade porque estava disposto sobre o mar – segundo os padres da companhia de Jesus que ali viveram trinta e um anos. Era constituída de duas partes, por uma rua.

O último bairro a ser construída parece ter sido São Sebastião situado no alto, a este da baía. Ali foi construída a Sé Catedral em 1553 e ao alto deste bairro a Fortaleza de São Filipe, onde se instalaram os governadores das ilhas de Cabo Verde. Na periferia deste bairro a população mais pobre ergueu outras aglomerações de modestas habitações, como a aldeia dos Sapes, onde em 1626, segundo a câmara “... se agasalhava metade da gente pobre desta cidade”

A primeira aglomeração humana, nascida logo após a descoberta da ilha de Santiago com alguns e homens vindos do Algarve e do Alentejo. A sua posição geográfica e os privilégios dados a seus moradores atraem muitos europeus a esta Cidade.

² OP. Cit. CABRAL IVA, pag 227.

Estes homens juntamente com alguns pretos livres, sustentados pelo trabalho de milhares de escravos, ergueram uma pequena Cidade que se tornou o centro de um comércio florescente de produtos Africanos.

Segundo Iva Cabral, “ em 1549, o contador André Rodrigues dos Mosquitos, numa carta dirigida a D. João III, pede à Coroa que se interessasse mais pela ilha de Santiago, já que tirando a Cidade de Lisboa nem duas Cidades do Reino rendem tanto quanto ela que vai em crescimento, por razão de toda a navegação do Brasil e do Peru,³” isto prova que a Ribeira Grande tinha um elevado desenvolvimento económico nos primórdios do povoamento das ilhas.

O desafoço económico que Ribeira Grande conheceu no século XVIII, veio a decair. Devido aos sucessivos ataques que os navios começaram a sofrer. Com isso as rotas marítimas começaram a passar ao largo da ilha de Santiago. Também o declínio sucessivo do comércio e da economia dos moradores de Santiago contribuiu para a decadência da cidade.

A perda da importância de Cabo Verde na rota do Comercio da Costa Africana, ataques de piratas e corsários levaram à decadência da Cidade que passou a uma lenta agonia até à sua ruína total no século XVIII, altura que a capital foi transferida a vila da Praia de Santa Maria.

“A 13 de Dezembro de 1769 a sede do governo é transferida da Ribeira Grande para a vila da Praia, em virtude da Cidade da Ribeira Grande se achar quase totalmente arruinada embora nela continuassem o Ouvidor da Câmara e o Cabido da Sé. Quando, por Decreto de 29 de Abril de 1858, foi a vila da Praia elevada à categoria de Cidade, consumou – se definitivamente a ruína da Ribeira Grande.”⁴

Na Cidade Velha restam os ecos e as ruínas desses tempos áureos.

Nas últimas décadas do século XX, a sociedade civil e as autoridades de Cabo Verde empreendem um longo processo de dignificação e recuperação da antiga capital de Cabo Verde – a Cidade Velha.

³ Cf.: História Geral de Cabo Verde II Volume, p. 227

⁴ PEREIRA, Daniel, *Marcos Cronológicos da Cidade Velha*, p. 80

Pelo decreto nº 121/90, de 8 de Dezembro, o governo declarou Sítio histórico da Cidade Velha e passa a ser assumida como Património Nacional de Cabo Verde. Passam a realizar – se intervenções profundas de recuperação, designadamente com o financiamento e assistência técnica (nomeadamente Cooperação Espanhola, e Portuguesa) que tornaram possível a sua candidatura a Património da humanidade. Posteriormente, foram publicados regulamentos que impedem, na área protegida da Cidade Velha, a construção ou alteração dos imóveis sem a prévia autorização municipal, a qual só é concedida mediante parecer favorável do instituto Nacional do Património cultural – IPC.

A 1 de Maio de 2005, a Cidade Velha passa a ser sede do concelho da Ribeira Grande de Santiago, integrando com 16 (dezassex) localidades que constituíam a região Praia rural.

O ano de 2005 é de grande significado para a população da Cidade Velha e da ilha de Santiago, pois o governo eleva novamente a Cidade Velha à sua antiga categoria, ao devolver – lhe o Estatuto de Cidade, como consta da legislação Cabo-verdiana⁵.

“ A Cidade Velha passou a beneficiar de mais e melhor rede viária, abastecimento de água, electricidade, escolas, jardins infantis e centros multi – usos. A juventude, a formação profissional e superior, os transportes escolares e a cultura foram outras áreas acarinhadas, assim como a terceira idade e os desfavorecidos”.⁶

1.1 – Caracterização Geográfica

Situada a cerca de 12 km a Oeste da actual cidade capital, Praia, a Cidade da Ribeira Grande de Santiago fora implantada num vale profundo rodeado por altas montanhas escarpadas. Vale esse, atravessado por duas grandes Ribeiras (Convento e Aguas Verdes). Esta última é a maior e possuidora de uma paisagem luxuriante, impar entre os dois planaltos ou achadas. Aliás, foram essas ribeiras que deram o nome à primeira Cidade portuguesa nos trópicos.

⁵Lei nº 62/VI/2005

⁶ *Um património, um futuro.* In – Revista Ribeira Grande de Santiago.

Inicialmente, a fixação populacional foi feita sobre uma cota relativamente baixa, acima do nível do mar, junto à baía. A Cidade cresceu e desenvolveu-se em três grandes áreas ou bairros: Figueira de Portugal, ocupando praticamente todo o interior do vale até bairro de S. Pedro e para NW, S. Brás e a Leste, acompanhando a linha da Costa indo até Bairro S. Sebastião/Sé Catedral. Na confluência destas três áreas, junto ao porto, o largo de pelourinho⁷.

1.2- População

A primeira Cidade erigida nos trópicos no século XV conheceu uma elevada densidade populacional até meados do séc. XVIII, período da transferência da capital para a cidade da Praia. O grosso da população actual teve a sua origem a partir dos finais do séc. XVIII e início do séc. XIX, em que as populações rurais invadiram a antiga cidade já em ruínas. São essas gentes que fizeram sobreviver o sítio histórico até hoje.

“Actualmente na Cidade Velha existe 1145 (mil, cento e quarenta e cinco) habitantes”.

De acordo com o censo de 2000, a actual Cidade Velha possui **1145** pessoas, **219** agregados familiares. Cada agregado é constituído por **5,2** pessoas, sendo que 70% é menor de 29 anos de idade, 25% é maior de 15 anos, 18% são jovens desempregados (forças de trabalho), 40% dos empregados não são qualificados.⁸

1.3 - Património cultural, turismo e desenvolvimento da Cidade

A Cidade em estudo apresenta óptimas condições naturais e culturais que podem ser aproveitadas para o desenvolvimento do turismo, como é o caso da Fortaleza Real de São Filipe; Sé Catedral, Pelourinho; Igreja de Nossa Senhora do Rosário; as ruínas hospital de Misericórdia; as ruas Carreira e Banana, principais rua da Cidade Velha, onde se encontram casas tradicionais.

⁷ PERREIRA, Daniel. **Importância Histórica da Cidade Velha**. INBL, 2004

⁸ Dados adquiridos do INE – Censo 2000

Existem ainda, na Cidade Velha, infra -estruturas que permitem a recepção dos turistas. É o exemplo da Esplanada do Prointur, do Hotel Pôr-do-sol, Pausada, Bar Restaurante Casa Velha, lojas Real turismo. Além da paisagem e das infra-estruturas existem ainda, a música a dança, a gastronomia, o artesanato, os costumes e tradições, as festas tradicionais, encontradas apenas neste concelho.

Para alguns especialistas o património cultural tem um papel preponderante no desenvolvimento, mas essa ideia depende muito da concepção que se tenha do próprio desenvolvimento, particularmente, o endógeno. Essa concepção do desenvolvimento rege-se pelos seguintes princípios orientadores: a) Aproveitar dos recursos internos e não depender excessivamente do exterior; b) Homem sempre no centro: no planeamento e na programação e na execução de todos os programas e acções, do sítio turístico; c) Apostar na formação e especialização da população local, para que possa ganhar a independência e autonomia.

Nesta perspectiva, o desenvolvimento é um processo em construção que envolve programas práticos, discursos e imaginários com o objectivo de mudar uma comunidade, um território ou um grupo de pessoas.

Em linhas gerais, podemos afirmar que os processos de salvaguarda do património devem estar ligados permanentemente ao turismo cultural. No caso da Cidade Velha, a conservação do sítio é e será sempre voltada para o turismo cultural.

Segundo o antropólogo García Canclini, “a relação entre património cultural e desenvolvimento turístico coloca a população “em cena” permanente. Ou seja, dessa relação aparece a necessidade de consumo do património cultural como uma estratégia de auto-sobrevivência e auto-definição do “local”, que acaba por vender o seu produto como “autêntico”.⁹ Na Cidade Velha por exemplo começam a surgir projectos de artesanatos locais (em coco, bananeira, pedra, olaria, cestaria, etc.). Por exemplo, na produção de aguardente, há quem queria ter um produto de marca (Cidade Velha) com o objectivo de

⁹ GARCÍA CANCLINI, Néstor. *Culturas híbridas. Estrategias para entrar y salir de la modernidad*. México: Grijalbo. 1990.

fazer aquilo que Paulo Castro Seixas, chama de “economia da memória e da paisagem natural”.¹⁰

A valorização do património cultural pode servir para minimizar os efeitos negativos provocados por mudanças socioculturais rápidas e maximizar a auto-estima da comunidade (o facto da Cidade Velha ser considerada património nacional e agora candidata a património mundial traz benefícios, mas também uma série de restrições à vida da população).

Nesta óptica, a conservação do património cultural na Cidade Velha deverá funcionar como uma plataforma identitária da nação cabo-verdiana e como um mecanismo de resistência face a mudanças sociais rápidas, para se proteger dos efeitos da globalização.

Segundo o antropólogo Agustín Santana, em suma, o “casamento” entre o património, o turismo e o desenvolvimento, deverá obedecer alguns critérios de base. Critérios esses, que se alicerçam em: “ preservar e proteger o património cultural (espaços e saberes) para o futuro e ao serviço da ciência; conservar e harmonizar o património cultural vocacionado para a recreação e o consumo do turismo de massa; preservar o património cultural como um produto de consumo de elite (aceitar um turismo minoritário e especializado) a par do turismo de massa.”¹¹

1.4 – Defesa e protecção do património imaterial

A nossa tradição oral, tendo a Língua cabo-verdiana como veículo de produção e transmissão de conhecimento entre as gerações, é também o alicerce da nossa identidade cultural. Identidade, que possui uma riqueza ímpar, testemunhada, nas festas tradicionais ou de romarias, na dança, música, gastronomia, medicina tradicional, lendas, adivinhas, estórias, etc.

No caso da Cidade Velha, o património imaterial é vivido muito intensamente como em qualquer parte das ilhas. Todavia, há necessidade de se continuar a salvaguardar as tradições orais, pois, elas estão em risco de desaparecerem. O Instituto da Investigação e

¹⁰ CASTRO SEIXAS. “Outros mapas: Impactes Socioculturais e Antropologia. 1999.

¹¹ SANTANA, Agustín. *Mirando culturas: La Antropología del Turismo*, en Rubio Gil, A. (coord.): Sociología del turismo. Barcelona: Ariel. 2003. pp. 103-125.

do Património Culturais tem vindo a fazer várias sessões de recolha no local junto do Sr. Jacinto Vaz (Armando Preto), pelo Dr. Humberto Lima e o Sr. Manuel António Barbosa, em que resultou num livro de estórias “A Passagem de Carlos Magnus pela Cidade Velha”, publicado em 2007. O grupo de batuque “Nos Herança” tem vindo a fazer várias pesquisas neste campo que resultaram em músicas tradicionais. Nesse momento está à procura de financiamento para a gravação do seu 1º CD e DVD. O grupo “Bautukinha” tem realizado espectáculos de batuque nacionais e internacionais. É de referir ainda a existência de um grupo musical tradicional que tem vindo a dar espectáculos nos festivais. Estes são apenas alguns exemplos da nossa cultura imaterial que têm emergido, por iniciativas particulares, que serão integrados no plano de salvaguarda do sítio histórico.

Analisar este local na perspectiva do património imaterial implica a articulação das várias vertentes culturais e sociais, ou seja, a relação do homem com o seu meio envolvente. A existência de um prato típico local, caldo de peixe com *leite* de coco, prova e comprova como é que os produtos locais consumíveis são bem aproveitados (peixes, mandioca, batata doce, coco, etc.).

No fabrico de aguardente tradicional, na forma de produção agrícola e pesca artesanal, residem algumas cadeias operatórias das tecnologias tradicionais. Alias, estas tecnologias podem ser, ainda, encontradas nas confecções gastronómicas e nos artesanatos em rendas e bordados, etc.

1.5- Defesa e Protecção do Património

Resultado de uma miscelânea de povos vindos da Europa, principalmente portugueses e da Costa Ocidental da África, particularmente da chamada “Costa da Guiné”, o povo cabo-verdiano possui uma cultura rica e diversificada. Experiência única na história da humanidade, pelo menos conhecida até hoje. Essa mistura pode ser observada em cada um dos traços culturais desse povo, tanto na sua língua, como na literatura, na arte, na arquitectura, na tradição oral, na música, na dança, nas tecnologias tradicionais, etc.

Segundo Verónica Freire, “esses bens culturais nunca beneficiaram de grande atenção por parte das autoridades coloniais portuguesas, no tocante à sua valorização e ou preservação, devido, talvez, à maior atenção atribuída a outros aspectos sociais. Nós aqui

acrescentaríamos que às autoridades não lhes interessavam a afirmação da identidade cabo-verdiana, enquanto nação, porque isso lhes causaria problemas na gestão do território. A ideia contida no slogan: *Portugal de Minho a Timor um só Povo e uma só Nação*, não tinha nada de inocente. Para nós era uma forma de conter o sentimento nacionalista das colónias, a ideia de sermos diferentes e portanto, reivindicarmos a nossa autonomia. Apenas na década de 60, por ocasião das comemorações do quinto centenário da descoberta do arquipélago, houve uma certa preocupação em relação à preservação, em geral, e de alguns monumentos, em especial, situados na que foi a primeira capital de Cabo Verde, a Cidade Velha.”¹²

Se noutros países africanos de língua oficial portuguesa, como Angola e Moçambique, Portugal deixou estruturas de preservação como sejam Museus, Bibliotecas ou Arquivos, em Cabo Verde isso não aconteceu, pelo menos não temos conhecimento de ter havido essas infra-estruturas com consistência necessária para perdurar no tempo e chegar até a altura da independência. Sabemos que tentativas houve, mas que não tiveram continuidade. Por conseguinte, depois da independência nacional, “tornou-se necessário promover a reafirmação da identidade cultural como uma nação livre e autónoma. Na prática, a questão traduz-se em dinamizar a valorização da herança sociocultural, através de acções que conduzam à defesa e preservação do património cultural cabo-verdiano”.¹³

Após a independência, foi criada, através de um despacho do Primeiro-ministro, publicado no Boletim Oficial nº. 51 de 23 de Dezembro de 1978, uma “Comissão Nacional presidida pelo Ministro de Coordenação Económica, e Comissões Locais presididas por Delegados de Governo em cada Concelho, com o objectivo de promover a defesa, a preservação e o restauro dos monumentos nacionais. Ainda nesse âmbito, esteve em Cabo Verde em finais de 1980, em missão, um consultor da UNESCO, o arquitecto Paulo de Azevedo, com o fim de orientar a realização dum inventário dos bens culturais do país e a definição de um plano de acção governamental em benefício do património cultural.

Várias outras missões de consultoria de especialistas estrangeiros na área seguiram-se à primeira. Para além dessas missões, é de se destacar que alguns investigadores cabo-

¹² FREIRE, Verónica dos Reis. *A Experiência Cabo-verdiana no Domínio do Património*. In: Separata da Revista Africana Especial – Universidade Portucalense, Porto. 1993. pag 65.

¹³ LOPES FILHO, João. *Introdução à Cultura Cabo-verdiana*. ISE. 2003.p.309.

verdianos também têm estado empenhados nessa luta para a defesa e divulgação dos testemunhos e valores do nosso património histórico/cultural, contribuindo desse modo para o enriquecimento cultural do país.

Felizmente, para o conhecimento e a valorização da cultura cabo-verdiana a preocupação desses investigadores tem tido eco junto de investigadores mais novos, dando assim continuidade às pesquisas querem no domínio da História, Sociologia, Antropologia, Linguística, etc., para trazer a luz do tempo presente os nossos traços culturais outrora esquecidos/adormecidos. Porque, quanto mais e melhor conhecermos os aspectos da nossa cultura, mais valores lhes atribuímos e mais chance de se perdurarem no tempo eles terão. Contudo, a ideia de preservação aqui subjacente não tem nada a ver com fixação de determinados traços culturais ou se quisermos, com a mumificação/fossilização desses traços. Aliás, como diz Verónica Freire, citando Lilian de Almeida, preservar não é mumificar, parar no tempo, mas reatar laços com o passado permitindo um futuro enraizado e humano.

1.6- Da Divulgação e da Dinamização do Património

O processo da salvaguarda, promoção e divulgação do património é longo, árduo e complexo. O Governo de Cabo Verde tem promovido, varias acções para a sensibilização da população local, desde 1975 até esta parte. Mas, todo o esforço resulta insuficiente, se não houver uma mudança de mentalidade e da atitude das pessoas perante o seu património. Assim, no âmbito dos projectos já realizados em concertação com a população local (organizadas em Associações Comunitárias e a Comissão Instaladora do Município), foram efectuados encontros gerais e sectoriais, por forma, a mantê-la sempre informada e formada. Porém, esta campanha de sensibilização só terá efeito se ela for sistemática e articulada. A população local está e deverá estar sempre no centro das atenções.

A esse respeito, pode-se dizer que há uma tomada de consciência de que a Cidade Velha é um sítio histórico e precisa ser preservada por todos. Contudo, deve-se realçar que a pobreza extrema e a alta taxa de analfabetismo existente no local, limitam a apreensão e compreensão em detalhes, pela grande massa, do valor cultural do sítio. Hoje, com os investimentos nos recursos humanos locais, há uma “classe média”

emergente que se preocupa com o futuro da Cidade, sobretudo, após a sua candidatura a património mundial da UNESCO.

O Governo de Cabo Verde e a Câmara local têm realizado campanhas de sensibilização, (reuniões, conferências, palestras, programas televisivos, radiofones, jornais, etc.), junto da população e das instituições públicas e privadas como: Comissão Instaladora do Município, Escolas, Igrejas, Delegações dos Serviços Desconcentrados, Empresários, Comerciantes, Investidores Nacionais e Estrangeiros.

O reconhecimento e a valorização da “*Cidade Velha*”, enquanto património cultural nacional, pode ser avaliada nas muitas visitas de estudos, palestras, conferências, seminários, etc., efectuadas (nesse e sobre esse local), quer ao nível nacional e internacional.

Esta dinamização e divulgação, pode também ser visualizada nas utilizações de nomes dos monumentos, nos empreendimentos como Restaurantes, Bares, (Pelourinho, Casinha Velha, *Nós Origem*), na produção de aguardente e derivados (Fortaleza, Pelourinho, Convento, Sé Catedral, Portão de Nós Ilhas, etc.), nas músicas e vídeo *clip*, como é o caso da emblemática música interpretada e gravada pelo nosso saudoso Ildo Lobo, *Na Portão de Nós Ilha*, entre outras. É de realçar ainda, os vários documentários de curta-metragem, realizados no local como o da *Rua da Banana* do realizador Mário Benvindo, *A Ilha dos Escravos*, de Francisco Manso, *O Arquitecto e a Cidade* de Catarina Alves Costa, etc.

O Centro Interpretativo da Fortaleza Real e o Núcleo Museológico da Cidade Velha, no Gabinete Técnico do Ministério da Cultura e os que serão criados na Sé Catedral, na Rua Banana, no Convento S. Francisco e na Igreja do Rosário, constituem a nova forma de comunicação, de divulgação e de interpretação do património. Os citados Centros, para além de exposições temáticas, têm e terão serviços de apoios como casas de banho, bares e lojas de *souvenirs*.

1.7– A Musealização do Sítio Histórico

A universalização de padrões, consequência do desenvolvimento tecnológico faz com que a humanidade sinta cada vez mais a necessidade de salvaguardar os testemunhos do passado cultural, que conferem a cada colectividade a sua identidade. E nesse contexto o Museu desempenha um papel fulcral, enquanto instituição que pesquisa, recolhe, conserva e divulga os bens patrimoniais, com o objectivo de manter sempre presente a memória colectiva.

No mundo cada vez mais globalizado em que vivemos, esta instituição cultural se apresenta como um dos baluartes na salvaguarda do património cultural, daquilo que nos é particular, enquanto nação.

Sendo o Museu uma instituição de serviço público, o Estado de Cabo Verde tem vindo a fazer alguns investimentos no sentido de melhorar a sua prestação de serviço, quer ao nível de reabilitação do espaço físico quer ao nível de recrutamento e qualificação dos recursos humanos. Porém tudo que se tem feito, a esse nível, é pouco significativo para a dimensão do problema a resolver no que concerne a preservação, valorização e divulgação do património cultural cabo-verdiano.

É neste sentido que já nos anos 70 e 80, com apoio de um consultor da UNESCO, propôs-se a criação de um Museu Histórico na Cidade Velha, depois falou-se na criação do “Museu do Sítio” e mais tarde na “Casa Tradicional” na Rua da Banana, nos anos 90. O Governo de Cabo Verde recebeu por doação uma casa em ruína que veio a ser restaurada, fez-se recolha de espólios para esse fim. Infelizmente, a referida casa passou a pertencer a um investidor privado cabo-verdiano, por via de permuta e desse modo, o projecto não foi materializado. Todavia, foi construído em 2000 o Centro Interpretativo da Fortaleza Real de S. Filipe e em 2004, o Núcleo Museológico da “Cidade Velha”, para colmatar a lacuna deixada pela não implementação do citado projecto.

Esse espaço museológico funciona como um Centro Interpretativo do Sítio Histórico, onde se pode encontrar acervos arqueológicos e etnográficos. Criado em 2004, o referido espaço museológico encontra-se no Bairro S. Sebastião, no Gabinete Técnico da Cidade Velha do Ministério da Cultura.

Dos acervos arqueológicos fazem parte os espólios encontrados nas escavações terrestres e subaquáticas, realizados no local. No rol dos espólios arqueológicos terrestres estão os objectos encontrados nas escavações efectuadas, na Sé Catedral, nos finais dos anos 80 e início dos 90, primeiro, pela Direcção Geral do Património e, depois pelo Instituto Nacional da Cultura, apoiado pela cooperação portuguesa. Ainda, objectos encontrados nas escavações esporádicas durante as construções das muitas casas particulares.

No entanto, os espólios subaquáticos que enformam o conjunto de objectos museais são resultados de escavações no porto da Cidade Velha (cemitério dos naufrágios)¹⁴, realizados nos anos 1998 – 2000, pela empresa portuguesa, Arqueonautas.

O Instituto da Investigação e do Património Culturais (IIPC) continua a fazer escavações arqueológicas no local, com apoio da cooperação espanhola, desde 2000 – 2007 (Convento S. Francisco, na Igreja do Rosário) e com apoio da Universidade Jean Piaget Cabo Verde e da Universidade de Oxford Inglaterra, em 2005 e 2007 (Seminário dos Jesuítas e na Igreja - Hospital da Misericórdia).

Com relação aos espólios etnográficos foram recolhidos nas várias casas da Cidade Velha, com o objectivo de recriar uma casa tradicional (uma sala, um quarto, uma cozinha e um quintal). Esses acervos foram adquiridos através de doação, compensação e/ou permuta.

¹⁴ Segundo os especialistas que fizeram a prospecção arqueológica na Cidade Velha, no âmbito do projecto Arqueonauta SA. Contrato assinado com o Governo de CV, de 1997 -2001, a sobreposição de barcos afundados no local não permita a identificação dos mesmos.

CAPÍTULO II

CRIAÇÃO E EVOLUÇÃO DA FREGUESIA DE SANTÍSSIMO NOME DE JESUS

2.1 - Santíssimo Nome de Jesus

As origens históricas de Cabo Verde situam-se convencionalmente, em 1460, data em que dois navegadores às ordens do Infante D. Henrique de Portugal, Diogo Gomes e António de Noli, teriam encontrado as ilhas de Sotavento.

Pouco se sabe acerca da evangelização quatrocentista das ilhas. No entanto, Frei Fernando da Solenidade e Jorge Cardoso afirmaram que os Frades Franciscanos Frei Rogério e Frei Jaime, naturais de Catalunha e residentes no Convento de S. Bernardino de Atouguia, para aqui vieram com os colonos em 1462. Em 1508 estava já construída na Ribeira Grande, ilha de Santiago, a igreja do Espírito Santo, e em 1526 dava-se início à construção da capela-mor da Igreja de Nossa Senhora, na vila de Praia de Santa Maria.

Em 20 de Maio de 1532, o rei D. João III, de Portugal, julgando poder fundar um Bispado em Cabo Verde, formulou o pedido ao Papa nesse sentido. A sede seria na vila da Ribeira Grande, ilha de Santiago, - a qual, para o efeito, teria que ser elevada a cidade como de facto aconteceu a quando da criação da Diocese, e o território abrangeria não só o arquipélago de Cabo Verde como também uma parte do continente que lhe ficava contíguo numa extensão de 350 léguas de terra firme na costa ocidental africana, desde o rio Senegal até ao rio S. André, perto de Cabo das Palmas, isto é, a actual Gâmbia, o sul

do Senegal, a Guiné-Bissau, a Guiné Conacry, a Libéria, a Serra Leoa e a Costa do Marfim. O rei apresentara para bispo D. Braz Neto, ao tempo, embaixador de Portugal em Roma. A responsabilidade da evangelização das ilhas coube, desde o descobrimento, à Ordem de Cristo.

A freguesia de Santíssimo Nome de Jesus comemorou este ano o seu 476º aniversário, tendo a sua elevação a esta categoria acontecendo, provavelmente, em 1533. A confirmar este facto várias foram as pesquisas feitas por nós.

Na versão do padre Custodio Campos, numa conversa com o mesmo, informou-nos de que a freguesia de Santíssimo Nome de Jesus teria sido criada em 31 de Janeiro de 1533 isso porque a freguesia demonstrava progresso humano e civilizacional bastante avançado, devido à importação de grande número de escravos vindos do continente.

Segundo António Carreira “ao procurar esclarecer as origens do seu povoamento tem-se apontado fidalgos portugueses alguns flamengos por ali mandados pelos reis e príncipes”¹⁵ Reafirma ainda o mesmo autor, em nota de rodapé da mesma obra, pag. 299. Todas as nações europeias que se lançaram na descoberta ou na conquista de terra a partir do séc. XVI, e na pegada dos portugueses, Espanha, França, Holanda, Inglaterra, Participaram no povoamento das ilhas.

Dom Paulino Évora, na sua obra *Historia da igreja em Cabo Verde/450 anos da Igreja em Cabo Verde*, regista que a fundação da diocese de Cabo Verde foi a 20 de Maio de 1532, no reinado de D. João III.

Na pág. 23 da mesma obra podemos ler: “Em 1572, já havia algumas freguesias como: Nossa Senhora da Graça – Praia; Santo Amaro – Tarrafal; S. Nicolau Tolentino – S. Domingos; Santiago da Luz das Alcatrazes; São Jorge dos Órgãos; Santa Catarina do Mato; São Miguel da Ribeira dos Flamengos e São Lourenço do Pico da ilha do Fogo.

¹⁵ CARREIRA, António. *Cabo Verde Formação e Extinção de uma Sociedade Escravocrata*. Instituto Cabo-verdiano do livro. Praia 1983, p. 295.

Quanto às Paróquias, não se sabe exactamente a data da sua criação mas são certamente anteriores à criação da própria Diocese, já que para a sede desta foi escolhida em 31 de Janeiro de 1533 a Paróquia da Ribeira Grande em Santiago.¹⁶

A conclusão a que chegamos é a de que esta freguesia embora não referida no conjunto das freguesias enumeradas, é mais antiga do que as outras freguesias. Pelos dados do texto, ela existiu desde 1533 pela Bula “Pró Excelente”, o Papa Clemente VII criava a Diocese de Santiago de Cabo Verde com igreja paroquial na Ribeira Grande, ilha de Santiago, e nomeavam o primeiro Bispo D. Brás Neto.

A Igreja da Misericórdia começaria a ser construída por volta de 1556, mandada pelo Bispo Frei Francisco da Cruz que também mandou construir a Sé. Entretanto, por um documento datado de 20 de Maio de 1572 --pelo qual, com o fim de ajudar o povo a sustentar o seu clero, o rei D. Sebastião mandava que os vigários e capelães das freguesias com menos de duzentos fogos recebessem 30\$00 em mantimentos anualmente - se conclui que já na segunda metade do século XVI (1561) existiam já doze das nossas actuais 30 Paróquias.

No que concerne ao início dos festejos, os nossos entrevistados não puderam nos informar absolutamente nada, a não ser que: “Festa de Santíssimo Nome de Jesus é uma festa antiga”. Por estas e outras razões, temos que nos contentar com as limitadas fontes humanas conseguidas até ao momento.

No entanto, a existência dessas incógnitas, que poderão vir a ser objecto de um estudo posterior, não impede que os cidadãos da Cidade Velha expressem com espontaneidade o misto dos rituais (Religiosos e profanos) associados ao seu modo de pensar, de ser, de agir e ao desenvolvimento da comunidade em causa, a todos os níveis.

Para darmos uma panorâmica das mudanças que acompanharam essa evolução social, procedemos ao início da descrição da festa na página seguinte.

¹⁶ Évora, Paulino Livramento (Bispo) A História da Igreja em Cabo Verde (450 anos da igreja de Cabo Verde) Praia, 1983 pág. 23.

Santíssimo Nome de Jesus



Fonte: Cedido pelo Pároco da paróquia, símbolo do Santíssimo Nome de Jesus 13/Maio/2009

Com o intuito de proporcionar uma ideia mais clara da antiguidade da festa de Santíssimo nome de Jesus achamos relevante iniciar por uma pequena abordagem histórica, realçando alguns parágrafos que nos informam, ainda que de forma limitada, elementos temporais a ela relativos.

Nesse contexto, aproveitamos uma página na Internet¹⁷, sob título “História e significado do Santo Nome”

A Igreja celebra em 2 de Janeiro, de acordo como “Directório da Liturgia” a festa do Santíssimo Nome de Jesus; oito dias depois de seu nascimento, o Natal, São José o circuncidou e lhe colocou o nome de Jesus, conforme o Anjo tinha dito à Virgem Maria.

“O anjo disse-lhe: Não temas, Maria, pois encontraste graça diante de Deus. Eis que conceberás e darás à luz um filho, e lhe porás o nome de Jesus.”¹⁸

Outra indicação sobre a origem do Santo Nome diz-nos que no caminho para a capela na qual São Filipe¹⁹ orava, existem algumas inscrições reproduzidas na pedra ao lado do atalho: círculos com a inscrição YHS. Elas foram reproduzidas pelo próprio São

¹⁷ (<http://rosariopermanente.leiame.net/>)

¹⁸ Evangelho de São Lucas, Capítulo 1, versículo 30 – 31.

¹⁹ Ao pregar, ele costumava segurar uma pequena prancheta de madeira, na qual o monograma *IHS* que ele privilegiava, era circundado por doze raios de luz, e ele encorajava “cada joelho a se dobrar” perante o monograma. A devoção ao Nome Santo espalhou-se pela Europa com rapidez surpreendente. Em 1432, o Papa Eugénio IV emitiu uma Bula promovendo a devoção ao símbolo *IHS* escrito.

Bernardino,²⁰ pois era sua missão proclamar o Nome de Jesus, e foi daquela forma que ele abreviou o Nome Santo, embora outros o tenham substituído pela forma mais familiar IHS²¹.

A devoção ao Santíssimo Nome de Jesus, “ (...) já arraigada na Igreja desde o seu início, foi pregada e impressa em nós de modo particular por São Bernardino de Sena e pelos Franciscanos, estes últimos difundiram pequenos quadros trazendo as letras do Nome de Jesus. Em Camaiore de Luca, na Itália, começou-se a celebrar a festa, depois de aprovada para a Ordem dos Franciscanos (1530), e sob o pontificado de Inocêncio XIII (1721), estendida a toda a Igreja. ”²²

Segundo o senhor Padre Campos²³ o Nome de Jesus é um nome grande e eterno, poderoso e terrível, vitorioso e misericordioso, o único que nos pode salvar. É melodia para o ouvido, cântico para os lábios e alegria para o coração... “Ilumina, conforta e nutre; é luz, remédio e alimento” Jesus é o mais fiel amigo da alma; é o benfeitor mais generoso, que por ela se imola sobre o altar, por ela entrega-se sem reservas e se oferece em alimento e sustento. Mas o Nome que contém tudo é o que o Filho de Deus recebe na sua Encarnação: JESUS. O Nome divino é indizível pelos lábios humanos, mas, assumindo nossa humanidade, o Verbo de Deus no-lo entrega e podemos invocá-lo: “Jesus”, salva. O Nome de Jesus contém tudo: Deus e homem e toda a Economia da criação e da salvação. Orar a “Jesus” é invocá-lo, chamá-lo em nós. Seu Nome é o único que contém a Presença que significa. Jesus é Ressuscitado, e todo aquele que invoca seu nome acolhe o Filho de Deus que o amou e a Ele se entregou.

“Jesus é o mestre”. Ele nos ensinou a orar. Ele nos exorta a pedir em seu nome. ‘Tudo o que pedirdes ao Pai em meu nome, ele vos dará’”. Este é um requisito importante para a oração. Contudo, devemos entender o que Jesus queria dizer. Não basta, naturalmente, apresentar a nossa petição em seu nome. É muito mais do que usar simplesmente a fórmula em nome de Jesus’.

²⁰ São Bernardino de Sena, um dos grandes pregadores, não estavam a ensinar algo novo, mas lembrar aos seus ouvintes o que eles já deveriam ter plena consciência.

²¹ Símbolo do Santíssimo Nome de Jesus, não é simplesmente um nome como outro qualquer: *ele tem um significado, que é: o nosso Deus é Aquele que É, o único Ser essencial, o fundamento do nosso ser.*

²² Apontamentos do padre Nicolau Ferreira, cedido gentilmente pelo pároco Custódio Campos é uma compilação de documentos que o padre Nicolau Ferreira, conseguiu resgatar nos registos mais antigos da igreja esses documentos encontram-se em péssimo estado de conservação de modo que não nos foi permitido tirar fotocópias.

²³ Padre Custódio Ferreira de Campos, Espiritano.

“No modo de pensar dos Hebreus, o nome de uma pessoa equivalia a toda a pessoa. Orar em nome de Jesus significa orar na pessoa de Jesus, orar como Jesus teria orado.”²⁴ Significa que nós devemos ver as pessoas e as situações como Jesus. Também significa Ter a mentalidade e o coração de Jesus. Devemos revestir-nos da mentalidade que estava em Cristo Jesus. Por outras palavras, nossa oração deve ser somente o que Jesus procura e quer. Nossos pensamentos, esperanças e desejos deverão estar perfeitamente de acordo com a mentalidade de Cristo. Quando cultivamos esta atitude, então falamos com o poder e com a autoridade de Jesus. “O cristão reza em nome de Jesus e também se dirige a Ele. Sente necessidade de clamar como os cegos doentes e pecadores que encontravam o Senhor pelos caminhos da Palestina: “Filho de Davi, tem compaixão de mim”²⁵. A oração é dirigida sobretudo ao Pai; também é dirigida a Jesus, sobretudo pela invocação de seu santo nome: “Jesus Cristo, Filho de Deus, Senhor, tende piedade de nós, pecadores!”²⁶

A Igreja revela-nos as grandezas do Verbo Encarnado, cantando as glórias do seu nome.²⁷

O nome de Jesus significa Salvador, fora indicado, em sonhos, a José, com o seu significado.²⁸ A Virgem Maria pelo Arcanjo Gabriel, na altura da Anunciação O Evangelho recorda-nos estas intervenções divinas, prenúncio da missão de Jesus.

A festa do Santíssimo Nome de Jesus é de instituição relativamente recente. É de origem franciscana e a sua divulgação deve-se, em grande parte, à pregação e piedade de S. Bernardino de Sena. O Papa Inocêncio XIII estendeu-a à Igreja Universal, em 1721. A Missa e o Ofício celebram, a um tempo, a santidade, o poder e a doçura do Nome de Jesus. O hino de vésperas canta a ternura que este Santo Nome desperta na alma cristã, mas outros textos insistem, de preferência, no poder de Jesus e na majestade tremenda do Nome, que está acima de todo o nome, diante do qual todo o joelho se dobra, nos Céus, na Terra e no inferno.

²⁴ Apontamentos do padre Nicolau Ferreira , ob. já cit.

²⁵ Ibidem

²⁶ Cf: Catecismo da Igreja Católica

²⁷ *Missal Romano* e sinopse feita por Jerome Bertram do livro *O Nome Divino na Sagrada Escritura*, do Pe. Michael Lewis. Traduzido por Luciene Lopes – AVVD de João Pessoa, PB – e Armando Tomzhinski – AVVD do Rio de Janeiro, RJ. Cf. <http://www.tlig/>.

²⁸ Evangelho de São Mateus, Capítulo 21.

O dia da festa variou através dos séculos, mas muitos o lembram como o domingo depois do Natal, até 1969, quando foi suprimido. O Santo Padre João Paulo II, na mais recente edição do Missal Romano, restabeleceu a Festa do Santíssimo Nome de Jesus no dia 3 de Janeiro.

2.2 – A simbologia do Santo

Na concepção de Humberto Lima “as comemorações das festas tradicionais tem a ver na maioria das vezes com o santo padroeiro de uma ilha ou localidade”. No contexto geral, estas festas muitas vezes não são importantes, mas podem ser de grande importância para essas localidades.

Segundo João Lopes Filho, as “tradições dos Santos Populares realizadas no arquipélago foram trazidas pelos povoadores portugueses”²⁹.

Como é do conhecimento geral Cabo Verde foi descoberto pelos portugueses, povo de crença reconhecidamente católica. Os africanos trazidos para cá também tinham as suas crenças. No entanto foram impedidos de se manifestar, uma vez que eram forçados a servir o homem branco, até que começaram a exigir a sua liberdade.

Porém, a partir de uma determinada altura os portugueses começaram a conceder um dia livre aos escravos. Estes aproveitavam esse dia para mostrar as suas manifestações culturais trazidas de África: os rituais, as danças ao som do tambor, os gritos e outros.

No que tange às festas de romaria, essas tradições foram por nós herdadas dos portugueses e facilmente se incorporaram no nosso território, conservando seu aspecto folclórico.

Referindo-se propriamente à simbologia do “Santo”, pode-se afirmar que na concepção do cristianismo, “Santos”, são pois, todos os fiéis que, após a sua morte, a igreja católica venera, evoca e presta culto e rodeia a memória com honras religiosas.

²⁹ LOPES FILHO, João. Op cit.p.42.

De acordo com o investigador Moisés Espírito Santo, “um santo só existe pela vontade dos seus fiéis e ele é o que a aldeia ou o grupo de fiéis quer que ele seja”³⁰. “O santo é um símbolo, uma norma de conduta ou um modelo onde se reflectem os valores sociais. Foi assim, que a partir do século XX, a igreja, optou por considerar como santos os fiéis que tivessem sido aprovados oficialmente, após um processo cuidado de análise das suas vidas, obras e milagres.

Cada dia do ano é dedicado a um dos santos canonizados pela Igreja Católica. Como o número de santos é maior do que o número de dias do ano, criou-se então o dia de “Todos os Santos”, comemorado no dia 1º de Novembro. Mas alguns santos são mais venerados do que outros, como São João Batista, Santo António e São Pedro cujas festividades acontecem no mês de Junho.

A figura de Jesus está ligada a exemplos de Santos. Em Portugal, de onde derivam muitas das nossas crenças a santa mais conhecida é a Rainha Santa Isabel. Contudo, temos exemplos de Nossa Senhora da Agonia em Viana de Castelo; dos Remédios em Lamego; Saúde em Santarém e há referências de que no século XV os negros que estavam em Portugal tinham como santa padroeira na confraria deles a Nossa Senhora do Rosário para sua devoção e patrocínio, tal como acontecia com os escravos na Cidade da Ribeira Grande.

³⁰ Espírito Santo – A Religião Popular Portuguesa Lisboa, 1990 p. 115

CAPÍTULO III

O RELIGIOSO E O PROFANO NA FESTA DE SANTÍSSIMO NOME DE JESUS

3.1 – O significado da Festa

As nossas informações sobre a festa do Santíssimo Nome não vão além da década de 20 do século passado, tendo em consideração a ausência de documentos escritos e a impossibilidade de conseguir fontes que não fossem os cidadãos residentes na localidade com a idade aproximada dos 80 anos. Aliás, de acordo com os informantes foi nessa altura (anos 20 do século XX) que a festa ganhou mais expressão.

Esta festa, à semelhança de outras festas de romaria envolve muitas pessoas que desde os tempos mais remotos manifestam assim a sua fé e a sua cultura.

È de realçar que as festas de romaria tinham um duplo sentido: o de levar o homem a esvaziar-se do espírito imundo e o de aliviar dos sentimentos que a igreja considerava de idolatria. É nesse sentido que vamos encontrar na Bíblia Sagrada referências a idolatrias expressa através da adoração do bezerro de ouro, construção de querubins, propiciatório,

mesa de madeira de cetim, castiçal e uma arca para veneração.³¹ No caso da Ribeira Grande, celebram-se festividades religiosas ao longo de todo o ano, em agradecimento a Deus.

A festa do Santíssimo Nome, para além de comportar um papel grandioso para a religiosidade, comporta ainda a parte profana que cruza com o sagrado. Esse cruzamento vem desde os tempos mais antigos. A festa tem uma data fixa, sendo organizado a pela igreja e realizada com base no calendário litúrgico, com manifestações de sincretismo religioso. A adesão à festa é muito forte como antigamente.

No essencial, a festa desde sempre é organizada sempre nos mesmos molde com actividades espirituais de que se fazem preparação, encontros e depois há grupos que terão tarefas por executar, como por exemplo: grupo coral e os que estão mais perto da igreja que trabalham para a festa.

Considerando que há uma escassez de informações relativas à etnografia da festa de Santo Nome, o seu estudo já à partida revela algumas dificuldades. No entanto, essas dificuldades serão reduzidas graças ao trabalho de campo para recolha de informações com apoio de entidades competentes ou pessoas activas, que nascerem na década de 20 do século XX, pois, que se presume estarem aptas para fornecer informações precisas sobre a sua realização.

De acordo com a opinião de alguns dos entrevistados, desde há longa data, a festa de Santo Nome foi uma das maiores referências sócio-religiosas da localidade, justificado pelo motivo de ser a primeira Cidade de Cabo Verde.

Tudo começa com uma semana de antecedência, notando-se a agitação pública, tomando como referência a preocupação das pessoas em arranjar trajes novos, o que leva a uma certa movimentação em direcção à casa dos alfaiates e costureiras pois estes começam a receber encomendas de trajes, de acordo com possibilidades dos clientes mas há quem prefira adquirir todo numa loja.

A população encontra-se agitada com tudo: no arrumar do interior e o exterior das casas, no sentido de dar mais brilho à festa. A preocupação total foi sempre de

³¹ Livro do Êxodo. In: BIBLIA SAGRADA. Traduzida por João Ferreira de Almeida. Pp.83-84

participarem em actividades religiosas, com os ensaios na igreja, as confissões, visando preparar de forma digna o Santo. Em casa todos pensam na forma de acolherem os hóspedes e às formas de arranjar algum dinheiro para aqueles que se dedicam a práticas comerciais.

Analisando a festa na sua organização, começa-se com os preparativos para além dos já mencionados atrás já com sete ou oito dias de antecedência com o bater do pilão em que se juntam familiares no sistema de djunta mon para arranjam o milho para a cachupa, farinha para massa, cuscuz, xerem e o famoso caldo de peixe com leite de coco etc. Há uma preocupação também em arranjar bolos, doces de papaia e de coco, a preocupação era de todos para que a festa fosse realizada da melhor forma.

Quando o dia da festa se aproxima, as mudanças no ambiente tornam-se visíveis: as casas já se apresentam bem arejadas, as ruas limpas, enfeitadas com flores, o ar de alegria começa a transparecer na face das pessoas, começam a chegar os hóspedes, a arrumam-se os espaços para os bailes de gaita em várias casas da localidade.

Para o dia um (vésperas), a agitação atinge o seu máximo, começando com os preparativos dos manjares, matança de porcos, galinhas, bodes, as bebidas como o grogue, licor, etc. À noite os hóspedes saem acompanhados, segundo alguns dos entrevistados para «sentirem um pouco do cheirinho da festa», ver a movimentação das pessoas. À noite é sempre servida a saborosa cachupa, e caldo de peixe com leite de coco, que é um dos pratos mais apreciados da Cidade Velha.

Os hóspedes constituem mais um dos reforços para que a festa tenha o seu sentido e brilho, pois era de costume trazerem sempre uma “trouxa” com produtos alimentares como feijão banana verde mandioca, couve, na intenção de elevar o nível da festa e com a preocupação de a tornar grandiosa e mais bonita e de a enriquecer.

Esses hóspedes são na maioria familiares que moravam nas zonas ou concelhos circundantes e de todas as freguesias de Santiago. Antigamente o acesso às vias rodoviárias não era fácil o que dificultava a chegada ao local. A deslocação era feita de burro ou a cavalo.

As actividades culturais marcavam, e continuam a marcar em grande o ambiente festivo, são programadas diversas actividades, organizadas em função de um calendário.

Essas actividades são realizadas no coração da cidade, ocupando o pelourinho que é um espaço acessível e atractivo para determinadas actividades.

Para culminar o ambiente festivo, a forma de manifestar das pessoas para transmitir a estadia nas festas é notável nos trajes, em que as crianças fazendo uso das roupas novas acabadas de sair da costura vestem-se com o intuito de se exibirem, demonstrando a frescura da festa não só as crianças como os rapazes e as meninas. Era frequente o uso de balalaica na maioria das vezes usadas pelos homens (antigamente), mas em comparação com o actual já é bastante diferente pois a evolução acompanhou em grande a moda que fez com que a maioria dos trajes habitualmente utilizados hoje é oriunda do exterior.

3.2 – Etnografia de festa

No que tange à etnografia ela preocupa-se em obter uma descrição densa, e mais complexa possível sobre as actividades que um grupo de pessoas faz num determinado ambiente

Nesses termos, segundos as informações conseguidas nas nossas entrevistas aos cidadãos locais, Santíssimo Nome, constitui, ainda hoje, uma das festas religiosas mais pomposas da ilha de Santiago, não obstante ser essa freguesia a única que comemora a festa de nome de Jesus. Partir do ano 2010 será considerada a festa do município de Ribeira Grande de Santiago com a data fixa no dia 31 de Janeiro decisão das autoridades locais.

Milhares de fiéis juntam-se na Cidade – berço de todos os Cabo-verdianos para celebrar esta festa, na qual só o número de juizes quase atinge três mil. Como em todas as festas católicas, o profano estará ao lado do sagrado, pois o povo também ama a folia e as manifestações culturais e as almoçaradas pelas casas dos conhecidos e amigos que se espalham por toda a ilha. Neste aspecto pode-se até dizer que Santíssimo Nome de Jesus é uma festa de toda a ilha de Santiago, e sobretudo hoje que a Cidade se tornou património da humanidade.

Apesar das permanências, os nossos entrevistados conhecem que muito tem mudado, o não impede que ele ocupe um dos lugares mais altos da listagem das comemorações religiosas do tipo realizadas na ilha. A Senhora Vitória da Veiga³², que viveu já 67 anos, alega que no seu tempo Santíssimo Nome era festas mais “rija” de Santiago, isto é, mais movimentadas. Isso demonstra que a grandeza dessa festa ainda se conserva no seio da população anfitrião.

Muita gente aproveitava esta ocasião para refrescar as suas habitações pensando em oferecer uma hospitalidade mais cómoda. Iniciava-se reabertura das casas com folhas secas de cana e ramos de coqueiro recolhidas antecipadamente. Cuidadosamente, eliminavam os desníveis do chão de terra batida.

De acordo com o Senhor Padre Campos, na semana da festa, preparavam-se os materiais para darem início à ornamentação da igreja e de todo o espaço por onde passava a procissão, a igreja ficava mais movimentada. Os catequistas procediam à preparação dos grupos para a cerimónia, enquanto o sacerdote cumpria o seu dever de limpar as almas dos fiéis permitindo-lhes um estado de pureza necessário para a recepção das graças do nome, no dia da missa.

São notórias as transformações ocorridas nas últimas décadas, a nível da igreja, na festa de Santíssimo Nome. Os grupos pertencentes às associações religiosas mantiveram-se nos preparativos da festa, mas agora acompanhados dos juízes com responsabilidades. A própria igreja passou a permitir a participação dos mesmos em número mais elevado e sem restrição na sua admissão, exigindo tão-somente que seja alguém ligado à actividades religiosas. Os juízes, tal como antes, assumem a ornamentação da igreja, apoiam as despesas da igreja por essa ocasião e nomeiam os seus futuros substitutos. As confissões, os ensaios, a limpeza do recinto continuaram a preencher o leque de actividades desenvolvidas pela Igreja nessa data.

Novos ingredientes surgem na preparação da festa como é o caso da batata inglesa, do arroz, do pão, da bolacha e do bolo de trigo. O vinho, o whisky, o brandy, o Gin incluem a diversidade de bebidas que agora são importadas, consequências das reformas económicas e modernidade levadas a cabo pela política de comércio introduzido pelo novo governo.

³² Nome de registo é Vitória da veiga, tem 67 anos de idade.

Já não se realiza o pilon para a obtenção do xerém e do cuscuz devido ao desenvolvimento que se verifica a nível das comunidades. Essa tarefa cabe às máquinas de moagem sitas na Praia, Fazenda e Vila Nova.

As vendedeiras de iguarias desempenham continuamente as suas actividades nas ruas. Nota-se um acréscimo de produtos novos: bolo, queques, drops, bolachas doces e salgados.

O próprio desenvolvimento das infra-estruturas e a melhoria das condições de vida das pessoas, fez com que o gás as substituísse. Hoje, os jovens arranjam o dinheiro para a festa trabalhando nas obras e nas residências como empregadas domésticas, caso não sejam funcionários públicos. O chapéu e o lenço são raramente utilizados por esta faixa etária, ficando reservado quase somente aos mais velhos.

Os calçados, antes raros, são hoje usados permanentemente e com atenção à selecção das marcas, obviamente, estrangeiras cujos preços são relativamente altos.

Hoje, os convidados e hóspedes que vão na véspera, usam o transporte colectivo hiace ou o privado. A comunicação não é mais problema, há vias e caminhos por todos os lados.

No domingo, o segundo e último dia de festa, a celebração da santa missa tem sido às 12:00 com a saída da procissão obedecendo à seguinte ordem:

1º- A Cruz é levada à frente pelos acólitos seguidos de mais dois com o incenso.

2º- As crianças vestida de anjo.

3º- A imagem e a bandeira do sagrado coração de Jesus.

4º- A Legião de Maria com a sua bandeira.

5º- O andor de santíssimo nome de Jesus.

6º- Os Juízes da festa.

7º- O grupo coral da paróquia.

8º- Os ministros da Sagrada comunhão.

9º- Os celebrantes Bispo e padres.

10º- Todo o povo.

Como antes, ao longo da procissão, ouvem-se foguetes, o toque do sino em ritmo e cadência agradáveis aos ouvidos, faz-se a oração e entoam-se cânticos novos acompanhados de instrumentos musicais. No ofertório, envelopes fechados, as bandejas e cestas enfeitadas com flores, são levados ao altar pelos juízes.

Presentemente, o número de juízes vem aumentando progressivamente, sendo que cada um tem de pagar dois mil escudos para a despesa da paróquia, com as suas quotas. Estas destinam-se às refeições oferecidas aos párocos no fim da missa. Os juízes substitutos escolhidos são apresentados pelo pároco. Após o término da missa, cada juiz reúne os seus convidados e dirigem-se para o almoço em casa, conferindo à festa uma certa expansão, ainda que indirecta, para outros concelhos e paróquias.

A década de 80 constitui um marco de viragem nestas manifestações culturais. É uma época que conta com a mudança da liturgia feita pelo Concílio do Vaticano II; com a mudança do regime colonial em favor da Independência; com a mudança do representante da paróquia. Todas essas mudanças tiveram implicações de uma forma ou de outra nas facetas socioculturais e religiosa.

De acordo com os representantes da Paróquia, as reformas feitas no Concílio do Vaticano II, pelo Papa João XXIII, nos anos 60, provocaram algumas mudanças na liturgia que, por sua vez, alterou o dia da festa de *Santo Nome*. Só a partir dos anos 80 é que esta paróquia assumiu a referida mudança litúrgica, que consistiu na mudança do dia das festas do Nome de Jesus, no primeiro domingo de Janeiro e ultimo domingo. Esta data coincide com o dia do ano novo que, é o próprio Nome de Jesus Cristo. Como se pode constatar, a festa de Santo nome tem um dia definido.

Este acontecimento coincidiu com a Independência de Cabo Verde, altura em que o PAIGC defendia o laicismo. Alguns membros do Partido levados por essa ideia incitaram o povo a desafiar a igreja, Segundo o Padre Campos, a igreja sofreu provocação e desrespeito por parte dos defensores dessa ideia partidária, através de algumas exigências

como o uso da Sé Catedral para actividades meramente profanas. Este conflito durou cerca de vários anos, devido ao abandono deste património.

A mudança do pároco, que também se deu em 1975, teve muito a ver com a prática de determinadas manifestações culturais como o caso de fazer cristão a criança após sete dias de nascimento, que hoje não se realiza pelo facto de o responsável da paróquia ter ameaçado aplicar sanções severas àqueles que se atrevessem a esse tipo de ritual. Os que teimassem em continuar não seriam confessados nem comungavam nem seriam encomendados depois da morte praticamente acabou-se com essa manifestação, embora algumas famílias ainda a realize.

Nessa época, começou a estar em voga a emigração para a Europa cujas consequências, são evidentes, a vários níveis: no arranjo das habitações, na melhoria dos vestuários, enfim houve melhoria de vida dos familiares de emigrantes que nas últimas décadas contribuíram para o enfraquecimento que preenchia parte das actividades desenvolvidas nesta cidade, mas em contrapartida os novos instrumentos musicais parecem ter sido substituídos nas «paródias» dos dias da festa. Quase em todas as casas de famílias de emigrantes encontra-se um ao outro aparelho com que se faz a diversão em casa. Desta vez, os entretenimentos iam até ao domingo à noite, o último dia. Concluindo, houve vantagem em termo da melhoria das condições de vida mas também houve desvantagens relativas ao abandono de vários aspectos da nossa cultura.

O prestígio da festa conforme afirmara alguns populares: «sima nho Santo Nome ka tem»; «festa de Santo Nome é só». Todavia, reconhecem a grandeza de outras festas de romaria desta Ilha como a de Santa Catarina, em Assomada, e Nho Santo Amaro no Tarrafal.

A importância desta festa reflecte-se na troca de experiências, na aquisição de novas amizades através do convívio durante os dias de festa de *Santo Nome*.

Os que viveram nos meados do século XX recordam, de modo nostálgico, o tempo em que não havia impedimentos no que respeita às actividades desenvolvidas na época por ocasião desta festa, como por exemplo: os bailes de funaná nas ruas, o batuco que de certa forma eram mais divertidos, pelo facto de apresentarem improvisos nos temas; na apresentação dos anfitriões, ou outra entidade que se considerasse nobre por parte dos elementos do grupo; os prémios que as moças e mulheres ganhavam no turno; aquele

barulho e gritaria que marcavam a «*sabura*». Tudo isso constitui o manto que envolve de saudade a alma desta gente.

Hoje, as próprias autoridades governamentais atribuem importância a esta festa e vêm facilitando esse relacionamento entre os conterrâneos da ilha, tendo como pano de fundo a ideia da revalorização das nossas raízes através da promoção de actividades competitivas dos mais variados grupos culturais: o batuco dos grupos de São Domingos, Praia Baixo, Cidade Velha, o funaná estilizado e tradicional, Ferro e Gaita, Rabenta, Bitori de Nha Bibinha; a tabanca de Achada Grande, etc.

Essas medidas tomadas pelo Ministério da Cultura não só, contribuem para o prestígio da festa como também para reforçar a ideia de que *Santo Nome* é festejado por quase toda a ilha de Santiago.

Muitos crentes religiosos aproveitam esta ocasião para pagarem as suas promessas e, quiçá, fazer novos pedidos ao padroeiro. Isso traduz nitidamente a fidelidade para com Jesus expressa pelos devotos.

A importância desta festa não se afasta da componente turística, dado que, nesses dias de festa, é notório um aumento de vendas em todas as lojas, previamente abastecidas para o efeito. A presença de emigrantes vai reforçar as receitas durante esses dias de festa. Muitos deles escolhem as férias nessa altura com o objectivo de nela tomarem parte, pois, trata-se do auge, em termos culturais, da paróquia em apreço. É para eles o momento de reencontro, de cumprimentar parentes e amigos.

Quando não lhes for possível estar presentes, se forem juizes, fazem-se representar por outras pessoas assumindo todas as responsabilidades dos juizes, mandando pagar as suas quotas. Quando têm que ser representados pelos motivos já evocados, a assunção dos compromissos é total. Os seus representantes são por eles vestidos e calçados com permissão de nomearem os seus substitutos para o ano seguinte e, sendo assim, ainda que indirectamente, sentem-se realizados, com a consciência tranquila por terem a missão cumprida.

Um facto importante que não deve ser esquecido é que a festa de *Santo Nome* constitui tema para várias composições tanto a nível musical como a nível literário.

Os meios de comunicação social também atribuem a sua quota-parte na importância desta, não só pela publicidade que fazem na rádio, na televisão, e nos jornais, ao longo da semana de festa, mas também pela cobertura que conferem à mesma durante esses dias.

Segundo o Presidente da Câmara Municipal, Manuel de Pina, o relacionamento entre a Câmara e a Paróquia tem sido bastante bom. Tem sido feito um esforço considerável, para que a programação das actividades da paróquia não interfira nas actividades do município e vice-versa, desde que a festa se torna numa festa Municipal. Tem-se conseguido um equilíbrio e portanto há um certo relacionamento com entreajudas entre as partes envolvidas na festa.

As actividades são criadas com o intuito de entreter as pessoas, pois segundo as informações do Pároco da freguesia, a paróquia sente necessidade de criar actividades no sentido de ocupar o tempo que resta depois da missa, levando consigo a intenção das pessoas que vão à festa e que não têm quem os acolha e que de uma forma ou de outra precisam de encontrar ambiente para desenfadarem. Para a paróquia, cujo tempo de actividades é bastante reduzido englobando somente o da missa, o programa é limitado, mas para Câmara Municipal é sempre apresentado um programa diversificado que atinge até uma semana na sua concretização.

Nesta ordem de ideias e com o objectivo de fazer da festa um motivo de alegria onde todos sentem que estão a viver uma boa convivência, a Câmara Municipal e a Paróquia nos últimos anos tem colaborado para organizar da melhor as actividades, fazendo um calendário onde possam estabelecer o horário de modo que as actividades da Câmara não impeçam as da igreja e vice-versa. Segundo o Padre João Augusto, a vantagem dessa relação, talvez seja apanhar a todos, quer dizer, sendo uma festa religiosa, há muitos familiares, outros ainda por obrigação têm que vir cumprir as promessas feitas ao Santo, outros escolhem a data para regressarem a Cabo Verde a fim de repousarem, pois é tempo das férias e aproveitam para em conjunto tomarem parte da festa.

Os festejos. Os dias e locais dessa festa

A festa de santíssimo Nome é pois um passado que está vivo no seio da população da ilha de Santiago em particular Cidade Velha. Festeja-se no dia dois de Janeiro em todas as ruas da cidade, concretamente na Freguesia de Santíssimo Nome de Jesus e na última semana de Janeiro. Santíssimo Nome de Jesus é uma festa atractiva mais atractivo que as outras festas no seio da população de Ribeira Grande de Santiago.

Segundo os entrevistados, antigamente no dia dois de Janeiro celebra-se a Missa do Santíssimo Nome, mais no último domingo de Janeiro as actividades são mas acrescidas. Os hóspedes que moravam mais longe começavam a mostrar-se nos vales, nos cumes dos montes a que chamamos «cutelos». As mulheres e as crianças chegavam a pé, visto que, na época, as vias de comunicação e transporte eram insuficientes e grosseiras beneficiando apenas as povoações mais importantes.

Como se isso não bastasse, os próprios meios eram escassos, não permitindo às pessoas o seu uso nas suas deslocações. Os homens iam nos seus cavalos, mulas ou burros, aliás, transportes mais comuns na época. Iam hóspedes de todos os recantos da ilha, com presentes portados exclusivamente pelas mulheres em “trouxas” ou balaies cheios de toda a espécie de produtos desde as hortaliças e legumes às gramíneas, como forma de darem o seu contributo para a festa. Os homens relaxavam com goles de aguardente, enquanto esperavam pelo café, caso não chegassem à hora das refeições.

Nas fornalhas, os trapiches entravam em acção por ocasião das festas fabricando a aguardente e o mel mas reservava-se sempre uma parte para ser servida na festa de *Santíssimo Nome*.

A festa de *Santo Nome* realça de forma indubitável o apogeu das manifestações culturais dos cidadãos locais e não só, que se reflecte através da música, da dança, do batuco, do funaná.

Na Véspera da festa, o céu brilhava mais do que de costume pelo efeito dos foguetes que eram lançados de lém a lém dando, assim, mais vida e mais sentido à festa. A faceta profana da festa ganhava mais realce nos divertimentos nocturnos, que começavam com os bailes do funaná e o batuco, que exprimiam uma rotura em relação às outras ocasiões.

O batuco era organizado no centro da povoação onde os hóspedes e visitantes aproveitavam o largo do Pelourinho para saborear os sons produzidos com muita arte. Nessas noites, actuava uma batucadeira de renome e, conseqüente, muito solicitada, Nha Guida Mende, acompanhada das irmãs, amigas da e familiares todas dos arredores da Achada Grande. Actuavam ainda batucadeiras de outras pontes da ilha, Nha Nasia Gomes, O batuco não se concentrava apenas no centro da povoação, nessa noite também em casas das localidades mais afastadas ganhando, então, um cunho mais familiar do que popular.

Os temas do batuco eram comuns, embora aparecessem improvisos alusivos à data ou em homenagem a ou outra personalidade digna de certos elogios, ou simplesmente como forma de falar mantenha.

O instrumento que acompanhava o batuco (txabeta e tornu) era exibida por um famoso tocador Francês de Dedecha e as próprias batucadeiras davam o torno acompanhando as moças que tinham esta função específica no grupo. Os homens participavam raras vezes e em número reduzido. No entanto, muitos deles rondavam o recinto com o fito de fiscalizar as suas mulheres, namoradas e amantes, evitando que outros atirassem olhares ou manifestassem algum interesse amoroso.

Os bailes de funaná eram feitos em quase todas as casas cujas entradas eram livres. Os tocadores mais distintos foram Codé de Dona, de São Francisco e Senhor Antão Barreto de Achada Ponta Santiago, tornando patente o ferro e a gaita numa verdadeira competição amigável.

Esses bailes em casas cujo chão era de terra batida implicavam um refrescar com borrifas de água, para evitar que o pó tomasse conta do espaço.

4 – ORIGENS DA ROMARIA

Segundo o Bispo Dom Paulino de Livramento Évora, a palavra Romaria significa “ir a Roma”, a peregrinação que vem desde os tempos antigos, associadamente com as outras viagens a outros sítios como Jerusalém. Os fiéis que vão às romarias são chamados de romeiros.

A festa de Romaria impunha a suspensão dos trabalhos agrícolas durante alguns dias do mês de Junho. Isto tinha como objectivo a sociabilidade das comunidades aldeãs. Nessa altura, durante vários dias os peregrinos se deslocavam a esse lugar em devoção para cumprir as suas promessas junto aos altares para prestar homenagem ao Santo devoto, fazer novos pedidos aos santos, dirigir ao Céu as suas súplicas e oração e louvor a Deus e aos Santos prece concedidas.

O homem estava sujeito das entidades ocultas, pois, não sabia decifrar o que se passava na natureza (factos naturais e espontâneos, chuva vento, eclipse,) e para explicar tudo isso aproveitava as lendas e ritos cerimónias impostos pela doutrina.

Segundo Moacyr Rodrigues “a religião desempenhava um papel muito mais relevante que hoje, as pessoas viviam-na e coabitavam com ela, toda a vida quotidiana era pautada pelos doutrinados da religião”.³³

Estas festas de Romaria³⁴ são originárias das peregrinações, que decorrem desde tempos antigos. “Eram permitidas mais para dar vazão aos instintos pagãos.”³⁵

Cabo verde foi descoberto em 1460 por Portugal, que encontrou as ilhas desabitadas, começando a colonizá-las por meio do sistema de capitanias Hereditárias dois anos mais tarde, trazendo escravos da costa da África para plantar algodão, árvores frutíferas e cana-de-açúcar (cana sacarina). De acordo com Lopes Filhos, “a forma como o povoamento se processou, juntamente com as relações estabilizadas entre grupos em presença, o próprio estado físico e o isolamento das ilhas, criaram condições favoráveis para uma rápida fusão étno-cultural”³⁶.

A localização do arquipélago permitiu-lhe que se tornasse um ponto de encontro de culturas, da qual sobrevivem ou resistiram traços culturais de um ou de outro grupo, do quais alguns foram recriados e outros perderam-se, surgindo também novos elementos a partir da fusão das origens. Deste modo, há que ter em conta que a história e a cultura cabo-verdianas são o resultado do encontro entre culturas europeias e africanas.

³³ Moacyr Rodrigues, Cabo Verde Festas de Romaria Festa Juninas, 1997,p.14.

³⁴ Espírito Santo. A Religião Popular Portuguesa p. 137

³⁵ Op. Cit. P.14.

³⁶ LOPES FILHO, João.p.49.

“O íntimo convívio entre essas culturas diferentes, em, Cabo Verde, deu origem a diversas manifestações culturais e sincréticas, que integram harmoniosamente traços tanto de origem europeia como africana”.³⁷

Segundo Moacyr Rodrigues as festas de Romaria chegaram a Cabo Verde. Através dos colonos Portugueses. Pela certa as mais antigas chegaram com a Igreja, nos princípios do século XVI, logo após a sua descoberta no princípio da colonização.

Mas, convém salientar que se dissermos que essas celebrações entraram em Cabo Verde com os portugueses, inclusive a parte dos rituais da fé cristã, não podemos descartar a influência africana que veio com as suas tradições. Os portugueses tentaram impor os seus valores culturais misturados com as várias formas de superstições de proveniência africana.

No que concerne à área religiosa houve uma interpenetração de culturas que resultou numa harmoniosa conjugação de valores e sentimentos provenientes das recordações africanas em convivência com a cultura europeia. “Sob essa base é que os escravos mantiveram vivos aspectos das suas raízes culturais; reavivam as suas tradições culturais trazidas da África celebrando os seus rituais mais profundos, com que o negro não conseguiu transmitir a sua cultura *sui generis* porque ela era inferior, mas sim uma cultura desvirtuada pela escravidão.”³⁸

Cabo Verde é uns pais resultantes de uma forte miscigenação. Esse facto evidencia-se, principalmente, no cruzamento de elementos culturais. Deste modo, cada ilha de Cabo Verde tem a festa característica das suas tradições e costumes, que marcam o contexto histórico e cultural do povo destas ilhas. Na Ribeira Grande de Santiago as festas mais importantes acontecem nos meses de Janeiro, Maio, Junho, Agosto, Setembro, Outubro e Novembro.

³⁷Ibidem pp. 50,58

³⁸Lopes Filho. Op. Cit. Pág. 42.

4.1 – O Religioso

No tocante á parte religiosa, aquela que mais se destaca nessa festa, a igreja organiza as confissões, “ limpar a alma.” A existência de associações religiosas, escuteiros cantores, acólitos, beneficia a grandeza da festa porque elas contribuem na organização da mesma.

É evidente que a festa é frequentemente tida pelo próprio reino do sagrado. O dia da festa, o simples domingo, é antes de mais um tempo consagrado ao divino, em que o trabalho é interdito, pois as pessoas largam o campo e os seus afazeres para poderem tomar parte dela, pois é tempo para repousar, gozar e louvar a Deus.

No entanto, o desenvolvimento sociocultural tem provocado mudança significativa no desenrolar das festas de Santíssimo Nome de Jesus. Assim, a adesão aos locais do culto, os hábitos a harmonia estabelecida, a postura cívica e os trajes sofreram e continuam a sofrer alterações importantes, além de outros aspectos.

Nas festas de Santíssimo Nome de Jesus, o religioso tem um espaço e um tempo que lhe é dedicado. O religioso, muitas vezes, cruza com o profano assim como em todas festas de romaria do arquipélago, há muita afluência de pessoas na parte religiosa.

A parte religiosa é considerada a de maior destaque, senão dizer a parte mais lúcida. Consiste na celebração eucarística, antecedida de uma procissão em que se faz um percurso da cruz do alto da igreja onde o padre, acompanhado das cantoras em procissões, se desloca em cânticos e orações em louvor ao santo, em conjunto com os participantes da celebração. Actividade que é inovadora pois segundo a opinião do senhor João Semedo, homem que muito fez na sua juventude para que a festa tivesse o seu máximo, a celebração eucarística sofreu uma ligeira alteração, pois as inovações sempre acompanharam o desenvolvimento da sociedade, as pessoas se mostram mais criativas, o desenvolvimento rural é um aspecto a ter em conta, há toda uma vontade de ano para ano em fazer algo diferente. A missa do dia da festa, foi sempre celebrada na igreja de Nossa Senhora do Rosário.

Os participantes levam consigo a intenção de durante a procissão e a missa agradecer o Santo e fazer os seus pedidos em honra do santo, com promessas e súplicas como neste hino e ladainha ao Santo Nome, de autoria do Padre Campos.

SANTO NOME DE JESUS

*Santo Nome de Jesus, Cidade Velha também,
É o nome que lhe vem de longas eras d' outrora.
Santo Nome de Jesus, tesouro lindo da história,
Faz rever na memória, desta pátria nossa mãe.
Formosa devia ser, esta cidade cantada por
Camões há quantos anos.
Ó vate dos desenganos, bolinando, mar em fora,
Demandando oceanos, uma entre elas erguidas,
Expirava a devoção,
Era a ermida sagrada, o mártir Sebastião.
Hoje tudo são ruínas.... Silêncio.... Desolação....
Só há um nome sagrado
O mártir Sebastião.*

Também é dever do padre, em nome do Santo, pedir e agradecer e Deus, em nome de todos os participantes da celebração, que lhes dê saúde e a sua bênção para que possam em conjunto participar dignamente na celebração eucarística.

Para os que vão tomar parte na missa em louvor ao Santo é dever fazerem uma preparação espiritual para que no primeiro domingo e último de Janeiro as pessoas recebem esta festa com o coração limpo e alegre.

Essa preparação sempre existiu como nos confirmou, o Senhor João Semedo, pessoa muito crente, revela que no seu tempo havia toda uma preocupação para a celebração da missa. A preocupação era não só em estar preparado fisicamente, mas também fazer com

que os semelhantes tivessem uma preparação espiritual. Fazendo já uma comparação do passado (tempo do Senhor João semedo), com o actual, é bem evidente a grande separação, pois segundo a sua opinião, agora temos catequistas que se preocupam com a festa, temos a associação encarregada de preparar a festa (...) o padre também ajuda em outros aspectos que não sejam somente a confissão e a missa, antes isso não era feito, pois quem tomava o encargo para preparar a festa eram as senhoras. Elas ocupavam-se os ensaios, porque havia meninas para o cântico. Cabia então as senhoras a tarefa de fazer tudo. Fazerem convites às pessoas de S. João Baptista e de outras freguesias mais próximas para acompanharem nas actividades festivas e fazer da festa uma “festa rica”. As actividades eram reduzidas, mas as poucas que existiam eram feitas com muito empenho e dedicação, o pároco da época era o padre Cretta.

Falando da preparação, esta era feita, segundo opiniões várias, com mais dedicação. Uma pessoa tinha mesmo de saber, a instrução era mais eficaz. Para cada localidade havia uma pessoa indicada para ensinar, não a mando do padre, como se tem visto agora, o ensino era sobre as orações, cada pessoa teria mesmo de aprender as orações pois só assim poderia tomar parte na missa. Sendo assim, cabia então a um catequista aprofundar, procurar saber para poder transmitir, segundo a dona Muna Vaz,³⁹ em jeito de uma análise conclusiva, salienta que quem era catequista já sabia tudo, não havia preparação.

Contudo, enveredando pela parte actual, nota-se que há toda uma viragem, o brilho é maior, pois nota-se que a grande preocupação é há todo um fio condutor no sentido de fazer da festa sagrada algo que transpareça numa manifestação pagã de alegria e satisfação.

4.2 - O Profano

Como foi dito anteriormente, nas festas de romaria há uma confusão do sagrado e do profano. Enquanto alguns se preocupam em ir à missa muitas vezes para “pagar a promessa”, outros preocupam-se somente com o profano ou com a parte lúdica que engloba bailes, “comes e bebes” e outros divertimentos. Na parte profana é um dos aspectos que menos se destacou na festa devido a falta de espaço.

³⁹ Nome de Registo é Maria Vaz Mascarenhas. Tem 84 anos e Juiz Perpetuo da referida festa. Nasceu e cresceu na Cidade Velha, na localidade de São Brás.

A evolução da sociedade em muito contribuiu para que essa parte sobressaísse. Outrora quando se celebrava a festa, por exemplo na década 40/50, o laço de solidariedade e camaradagem eram harmoniosas, não havia muita guerra, havia mais respeito tudo era feito à base de divertimento, a actividade profana era escassa, e quem tomava parte na celebração era a sério e com todo o respeito e consideração.

Para Lopes Filho, as crendices e as manifestações populares ancestrais, ainda encontradas neste arquipélago geralmente sofrem alterações de ilha para ilha. É importante referir que na Cidade Velha o dia do Santo Nome é considerado como tempo consagrado a este Santo na Freguesia do mesmo nome.

Na perspectiva de nhã Rosalinda, antigamente, quem organizava a festa na Cidade Velha eram Nuna Vaz e Dona Jóia,⁴⁰. Nos bailes populares, comensalidades e os instrumentos musicais utilizados eram gaita e ferrinho.

Nhã Numa Vaz e Dona Jóia afirmam que na época em que organizava a festa não tinha apoio de nenhuma instituição, a não ser dos seus próprios filhos, e de um grupo de Delegação de Senegal que passava a festa de Santo Nome em casa dela só para comes e bebes.

Conforme Senhor João Semedo, actualmente, na festa de Santo nome em cidade velha o ritual profano é quase inexistente, após a missa as pessoas deslocam-se para as suas casas para festejar.

É de salientar que este ritual profano perdeu força aquando da chegada de um novo pároco em 1975, que tomou medidas severas contra este tipo de manifestação cultural, alegando desrespeito pela igreja, pelo que as populações com medo da excomunhão desistiram. As autoridades civis solidárias com a decisão do padre proibiram tal prática, revelando-se cúmplices na valorização daquilo que também faz parte da nossa riqueza cultural. A população não se contentou com esta medida mas não pôde fazer frente às autoridades religiosas e civis. Houve simplesmente uma obediência forçada, considerada

⁴⁰ Essas Senhoras organizavam antigamente na rua Calhau, o famoso caldo de peixe com leite de coco para os hóspedes, mas os visitantes que lá apareciam não encontravam nada porque há uma expressão que elas utilizavam, se tivesse chegado antes encontrava o caldo de peixe. Elas colocavam as cinzas do fogão no pilão e batiam com um pau, levantavam o fumo e ninguém conseguia ver a panela, e assim a festa continuava e ninguém regressava para casa porque queriam saborear o famoso caldo de peixe com leite de coco.

motivo de lamentações por parte de muitos que na época se divertiam e viviam aqueles momentos com entusiasmo.

4.3 – Papel dos juízes na festa

Os juízes foram criados para colaborarem na festa. No início da festa cada juiz pagava seiscentos escudos segundo o pároco da paróquia de Santíssimo Nome terá sido uma família, um casal que assumia a responsabilidade de colaborar com a paróquia nos preparativos para a festa, no dinamizar tudo que era preciso para a organizar mas, depois, poderão ter aumentado os casais, pois as despesas foram aumentando e uma pessoa já não podia aguentar todas as despesas. Por fim achou-se que seria melhor em vez de um casal ou algumas pessoas que fosse toda a gente da paróquia para animar e dinamizar a festa. Foi assim que a paróquia adoptou o seguinte lema “toda a gente da paróquia é juiz da festa e cada um dá o seu pouco que tem para colaborar para a festa e esse pouco destinase ao melhoramento da igreja e construção de novas capelas em outra freguesia.” Os grupos pertencentes às associações religiosas mantiveram-se nos preparativos da festa, mas agora acompanhados dos juízes com responsabilidades. A decoração das ruas é feita com a cooperação dos moradores do centro.

A paróquia está dividida em várias capelinhas, tendo cada uma o seu representante do juiz, que é convidado pela paróquia para almoçar com os padres no dia da festa. As despesas desse almoço são subtraídas da festa, do pouco que foi dado para o arranjo da igreja. Enquanto antigamente era uma pessoa ou um casal que convidava os padres para final da missa irem almoçar, cabendo-lhe todas as despesas desse almoço.

Foi uma decisão da igreja com a intenção de todos os cristãos tomarem parte nas decisões da igreja e de serem representantes da mesma. Esta é uma iniciativa que desde longa data tem vindo a ser seguida pelos paroquianos, sofrendo transformações de ano a ano. De acordo de um dos entrevistados Dona Maria Vaz, “é de alegria não só em estar na festa mas também pela grandiosidade em representar, em ser o patrono da festa o que para ela como sendo um cristão praticante é algo que pelo que a marcar pelo resto da minha vida”.

No percurso que a igreja, a história dos juízes tem mostrado grandes contributos de vários níveis, destacando-se o desenvolvimento do espaço físico da igreja, o seu arranjo e o embelezamento que de ano a ano são introduzidos, constituindo aspecto inovadores no sentido de dar mais brilho.

De acordo com o Padre Boaventura no tocante aos papéis dos juízes na festa, está associado ao embelezamento da festa o arranjo do andor (pequeno trono onde está a imagem do santo para a procissão), enfim dar o seu contributo à igreja. É de referir que esses juízes, pela relação que apresentam com a igreja, têm se ser cristãos com uma vida cristã condigna e ser praticante, e resolveram pagar dois mil escudos por cada juiz da referida festa.

Para assinalar que há festa no local, há o rebentamento de foguetes pelos juízes, cada juiz adquire uma certa quantidade de foguetes e com alguns dias de antecedência começa o rebentamento dando à população o cheiro da festa. Essa actividade culmina no dia da missa, ao longo da procissão, ouvem-se foguetes, o toque do sino em ritmo e cadência agradáveis aos ouvidos, faz-se a oração e entoa-se cânticos.

Na opinião de alguns paroquianos, o ser juiz da festa tem aproximado muito as pessoas, criando laços de harmonia e confraternização, e nessa ocasião se nomeiam os seus futuros substitutos. A tomada de decisão em ser juiz da festa é uma decisão pessoal e familiar que arrasta pessoas que residem fora do país para um dia vir representar a família ou pagar uma promessa ao santo, a pedido de um amigo que o terá escolhido ou por uma opção pessoal.

5 - A festa sob o olhar dos residentes (Valor da Festa)

A pessoa é um ser social e o encontro social dá-se sobretudo em festa porque a pessoa precisa de se alegrar, de sentir. Por isso as festas terão que acontecer, porque se o homem não se encontrar em festa perde-se, fica isolado, não se permite socializar.

O que foi dito até aqui permite-nos numa visão dizer que a festa de Santíssimo Nome de Jesus representa e é considerada uma das grandes manifestações religiosas e socioculturais do seu Município. É o ponto marcante da cultura tradicional e todo o seu desenrolar propicia um confronto de culturas.

Considerada uma das maiores festas religiosas da ilha, com uma data pertencente ao calendário litúrgico, a sua forma de comemoração com pendor nacional e internacional vem sendo enriquecido com elementos culturais de ano para ano.

Através do peso cultural e religioso que carrega, a festa de Santíssimo Nome de Jesus como é festejada, constitui um momento de grande elevação cultural dos moradores do Concelho. O Sr. Francisco Moreira considera que mesmo o desfile do primeiro dia das actividades é algo maravilhoso. Um desfile em que centena de pessoas dispunham as suas tochas e desfilavam de Fortaleza até à Rua do Calhau.

A interpenetração cultural de ano para ano favorece muito para que essa elevação/manifestação cultural, se transforme numa conjuntura social de elevado nível, pois de uma forma bem simples as pessoas tentam demonstrar as suas capacidades culturais e as suas habilidades, através da música, teatro, da dança, do batuque, do desporto. É com essa preocupação que a Câmara Municipal em conjunto com os residentes, há desde um ano vem realizando na Cidade Velha intercâmbios culturais a nível da música, da dança onde a presença de artistas nacionais e internacionais marcam presença.

Quando se fala em interpenetração cultural, logo se destacam as presenças de culturas estrangeiras associadas às nossas. Nessa óptica, é o momento em que se concentra no pelourinho a venda dos produtos de artesanato, de cerâmica, que em grande parte contribui para a divulgação da nossa cultura além fronteiras. É o momento de não só fazer atrair os turistas aos mercados, como também de estimular o contacto entre as populações oriundas de diversos concelhos, dando lugar á toda uma troca de experiências culturais.

A data comemorativa da festa propicia a estadia dos emigrantes em férias. Enquanto para alguns há a possibilidade de passarem as suas férias na localidade visitando os familiares, outros por obrigação têm que vir cumprir as promessas feitas ao santo, outros ainda escolhem a data para regressarem a Cabo Verde a fim de repousarem, pois é tempo de férias e aproveitam para em conjunto tomarem parte nas festas.

CONCLUSÃO

Ao longo deste trabalho, pudemos verificar que as festas de romaria constituem um dos padrões nas nossas manifestações culturais em Cabo Verde. Pela diversidade de elementos que entram na sua composição, estas festas podem ser consideradas manifestações culturais mais folclóricas do que religiosas.

Em Ribeira Grande Santiago “ Cidade Velha”, a festa tradicional mais importante é a festa de Santíssimo Nome de Jesus, comemorada nos dias dois e trinta um de Janeiro. Há uma incerteza em relação à data do início das romarias na Cidade Velha. Mas o certo é que a Diocese de Santiago foi criada a 31 de Janeiro de 1553, pela bula de Clemente VII *Pro excellenti*, e foi nomeado o primeiro Bispo, D. Brás Neto, o que nos dá a ideia de antiguidade destas festas na cidade.

Essas manifestações são festejadas quase sempre da mesma forma, embora tenham adquirido particularidades próprias que as distinguem de ilha para ilha, com os seus mitos e credences à volta de todos os santos populares.

No caso da festa de Santíssimo Nome de Jesus está-se modificando de ano para ano. As pessoas que se deslocavam de lugares distantes para a festa traziam os seus “balaies” ou as suas trouxas para ajudar na preparação da comida e pernoitavam em casas de familiares ou amigos, mas hoje em dia isso já não acontece.

Apesar disso há pontos comuns na festa de Santíssimo Nome como a participação na festa que se prende com o simples desejo de festejar; a intenção de ir à missa para pagar as promessas feitas ao Santo e fazer novos pedidos; de preparação dos alimentos com o

milho e feijão, a base da nossa culinária, o caldo de peixe com leite de coco e bebidas diversas: aguardentes, licor, cerveja, vinho e outros.

É importante frisar que estas festas apresentam actualmente algumas características diferentes das do passado, pois com as transformações sucessivas da nossa sociedade não era possível que as manifestações culturais permanecessem da mesma forma que em tempos antigos. Assim, com todas essas transformações o que se pode fazer é resgatar essa tradição que identifica o povo cabo-verdiano, e nunca deixar cair no esquecimento despertando, assim, o interesse pela valorização das nossas raízes.

Como se pôde constatar, *Santo Nome*, é uma manifestação cultural que vem provavelmente desde o século XV, aquando foi construída a igreja de Nossa Senhora do Rosário em 1495. Trata-se de uma manifestação cultural que seguiu a evolução da nossa sociedade, assumindo um carácter profundamente sagrado, em que, porém, o profano passou a conviver em simultâneo com o religioso. Com efeito, o que se verifica hoje é que com a criação do Município da Ribeira Grande de Santiago, a vertente extra-religiosa vem conquistando terreno, quiçá em detrimento do sagrado.

Ao se falar do património cultural deve-se pensar, acima de tudo, na sua utilidade pública; haja uma mudança de atitude e da mentalidade dos actores políticos (Câmara Municipal local e o IIPC) e actores sociais (Associações e ONG'S e a População); a população participe na vida activa do sítio, para que possa assumi-lo como um bem colectivo, cuja protecção e fruição seriam da responsabilidade de todos; haja investimentos nos domínios de saneamento, infra-estruturação, educação e formação dos agentes culturais locais.

Os meios de comunicação social têm dado uma colaboração bastante positiva na tentativa de recuperação dos nossos valores tradicionais, colocadas na situação de abandono, pela cobertura que concedem tanto a nível publicitário como a nível de produção, ao longo destas festividades.

Felizmente, nos últimos anos, as autoridades governamentais, titulares da área cultural, preocupados com a recuperação da nossa herança cultural, têm feito os possíveis para dela resgatarem algumas práticas anteriormente postas de lado. É notória a consequência de tal resgate pela iniciativa tomada por essas autoridades, em concentrar populações dos mais diversos pontos de Santiago, para compartilharem aquilo que

guardam do tesouro cultural com outros, no sentido de salvaguardar as nossas raízes. Isso acaba por conferir, como já vimos antes, à festa de *Santo Nome* um alargamento para todas as freguesias. E esta ideia daquilo que pode ser designado por vivência cultural só poderá colaborar para a defesa da nossa identidade cultural.

De realçar, que este trabalho académico nos permitiu quantificar e qualificar, de forma indutiva e dedutiva o grau da valorização e da defesa do património cultural local por parte da população e, sobretudo, a assumpção do património como identidade cultural (memória colectiva). Aliás, há um orgulho patente nas pessoas, que advém do facto de terem nascido no berço da nossa nacionalidade, património universal.

A população local, paulatinamente tem despertado para a importância histórica e cultural que o meio onde vive representa para Cabo Verde e para o mundo e tem vindo a “explorar” isso em benefício próprio. Aliás, a educação patrimonial dessas pessoas está na lista das preocupações do Governo, visto que, não se pode pensar estritamente na salvaguarda do património sem se pensar na didáctica e na pedagogia desse mesmo património, junto da população local.

A população esperou muito para ver a Fortaleza Real de S. Filipe, o Convento S. Francisco, a Igreja do Rosário, e outros monumentos restaurados; sofreu e sofre alguns constrangimentos, nomeadamente nas restrições de construção das suas habitações, pelo facto de viver num espaço – património nacional. Mas hoje, agradece aos sucessivos Governos de Cabo Verde pelos trabalhos de conservação realizados, com os apoios das cooperações portuguesa e espanhola.

O sítio histórico em estudo está protegido pela Lei de Base do Património Cultural. O mesmo foi classificado como património nacional e possui uma norma de construção, um Gabinete Técnico conjunto funcional entre a Câmara local e o Ministério da Cultura, cujas funções principais são: licenciar, programar, fiscalizar as construções e controlar as normas existentes. Ao se fazer o estudo do património material e imaterial está-se a agregar valores a esse património, e automaticamente está-se a valorizá-los.

Ao concluir este trabalho, podemos dizer que a população local é pobre e desempregada, mas conhece e valoriza a cultura Cabo-verdiana e sabe que o principal património são eles os habitantes, e fazem de tudo para atrair milhares de pessoas para comemorar a festa do Santíssimo Nome de Jesus na Cidade Velha.

Estarmos certos de que, com o presente trabalho, não esgotamos o objecto em estudo, dada a sua complexidade o que também não constituía o nosso propósito. Contudo, este é o trabalho que a nossa capacidade e limitações de vária ordem permitem realizar neste momento. Por isso, esperamos que contribua, ainda que modestamente, para uma melhor compreensão e valorização da cultura Cabo-verdiana em geral e que abra perspectivas para estudos mais aprofundados.

Posto isto, gostaríamos de deixar o nosso apelo para as entidades e instituições responsáveis pela preservação, divulgação e valorização do nosso património cultural, no sentido de apoiarem associações e práticas culturais que constituem a identidade do nosso povo.

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA GERAL

Incluimos obra lida e não especificada no corpo do texto, tendo em conta a sua importância para o tema.

ALBUQUERQUE, Luís de (1991): *O Descobrimento das Ilhas de Cabo Verde*, in: História Geral de Cabo Verde, Vol. I. Instituto de Investigação Científica Tropical – Lisboa e Direcção do Património Cultural de Cabo Verde.

ALMEIDA, João Ferreira de. Livro Êxodo. IN: *Bíblia Sagrada*. Lisboa. Depósito das Escrituras Sagradas. 1947.

AMARAL, Ilídio (1991): *Cabo Verde: Introdução Geográfica*, in: História Geral de Cabo Verde Vol. I, Instituto de Investigação Científica Tropical – Lisboa e Direcção do Património Cultural de Cabo Verde.

Antologia da Ficção Cabo – Verdinha Contemporânea. Edição Henriques. Achamento de Cabo Verde. 1960.

BALENO, Ilídio Cabral. *Povoamento e Formação da Sociedade*. IN: *Historia Geral de Cabo Verde* vol I. coordenação de Luís Albuquerque e Maria Emília Madeira Santos. Coimbra. Instituto de Investigação Científica Tropical - Lisboa e Direcção Geral do Património Cultural de Cabo Verde. 1991.

BARCELLOS, José C. de Senna (2003). VOLUMES, I II, III, IV, *Subsídios para a História de Cabo Verde e Guiné*, 2ª Edição, Praia.

BERNARDI, Bernardo. *Introdução aos Estudos Etno – Antropológicos*. Lisboa. Edição 70. 1988.

BRAGA, Teófilo. *O Povo Português nos Seus Costumes Crenças e Tradições* Vol I. Lisboa. Editora 1985.

BRITO, Margarida. *Os instrumentos musicais em Cabo Verde*, Centro Cultural Português – Praia – Mindelo, 1998.

CABRAL, IVA – *Ribeira Grande: Vida urbana, gente, Mercancia, Estagnação*. In: Vários, *História Geral de Cabo Verde*, II Vol, p. 226.

CAILLOIS, Roger. *O Homem e o Sagrado*. Lisboa. Edições 70.1988.

CARREIRA, António, *Cabo Verde Formação e Extinção de Uma Sociedade Escravocrata*. Instituto Cabo-verdiano do Livro. Praia. 1983.

GRANDE DICIONÁRIO ENCICLOPÉDIA Vol. III (N-Z). Editorial Verbo. Braga. 1997.

ELIADE, Mircea. *Tratado de História das Religiões* (1ª Edição. 1992). Edições ASA. 1997.

ENCICLOPÉDIA LUSO-BRASILEIRA DE CULTURA. Vol. XVI. Editorial Verbo. Mem Martins Lisboa. 1974.

ESPIRITO SANTO, Moisés. *A Religião Popular Portuguesa*. Lisboa. Edição 1990.

ÉVORA, Paulino Livramento (Bispo) *A História da Igreja em Cabo Verde (450 anos da Igreja em Cabo Verde)*, Praia, 1983.

FIGUEIREDO, Cândido de, *Dicionário da Língua Portuguesa*. II Vol. (H-Z). 23ª Edição. Editora Bertrand, 1973.

FREIRE, Verónica dos Reis, (1993): *A Experiência Cabo-verdiana no Domínio do Património*, in Separata da Revista Africana Especial – Universidade Portucalense, Porto;

LOPES FILHO, João. *Introdução à Cultura Cabo-verdiana*. Instituto Superior de Educação – **praia. 2003.**

LOPES FILHO, João (1976): *Cabo Verde: Apontamentos Etnográficos*, Lisboa, ed. Do autor;

- (1981) *Cabo Verde – Subsídios para um Levantamento Cultural*, Plátano, Lisboa;
- (1983) *Contribuição para o Estudo da Cultura Cabo-verdiana*, Ulmeiro, Lisboa;
- (1998) *Vozes da Cultura Cabo-verdiana*, Ulmeiro, Lisboa;
- (2003) *Introdução à Cultura Cabo-verdiana*, ISE – República de Cabo Verde, Gráfica da Praia;

GUERRA, João Augusto da Fonseca, VIEIRA, José Augusto da Silva. *Língua e Cultura*. Porto Editora.

GARCÍA CANCLINI, N. (1990): *Culturas híbridas. Estrategias para entrar y salir de la Modernidad*. México: Grijalbo;

SEMEDO, J. Maria e TURANO, M. R. – *CABO VERDE O Ciclo Ritual das festividades da Tabanca*, Spleen, 1997.

MESQUITELA, A. Lima (1998): in *Vozes da Cultura Cabo-verdiana*, Ulmeiro, Lisboa;

Notícia Corografica e Cronologica do bispado de cabo verde, Biblioteca Nacional de Lisboa, 1784.

O Sagrado e o Profano. A Essência das Regiões. “Livros do Brasil. 1999.

-----, *O Povo Português nos Seus Costumes Crenças e Tradições Vol II*. Lisboa. Editora 1986.

ROCHA, Moacyr. *Cabo Verde Festas de Romaria Festas Juninas*. Mindelo. Edição Autor. 1997.

TAVARES, Jorge Campos. *Dicionário de Santos*.

BIBLIOGRAFIA TEMÁTICA

Site do INE, <http://www.ine.cv>

<http://rosariopermanente.leiame.net/>

Ordenamento Jurídico Do Património Em Cabo Verde

Decreto-lei nº 102/III/90, publicado ih Suplemento do B.O. nº 52 de 29/12/90

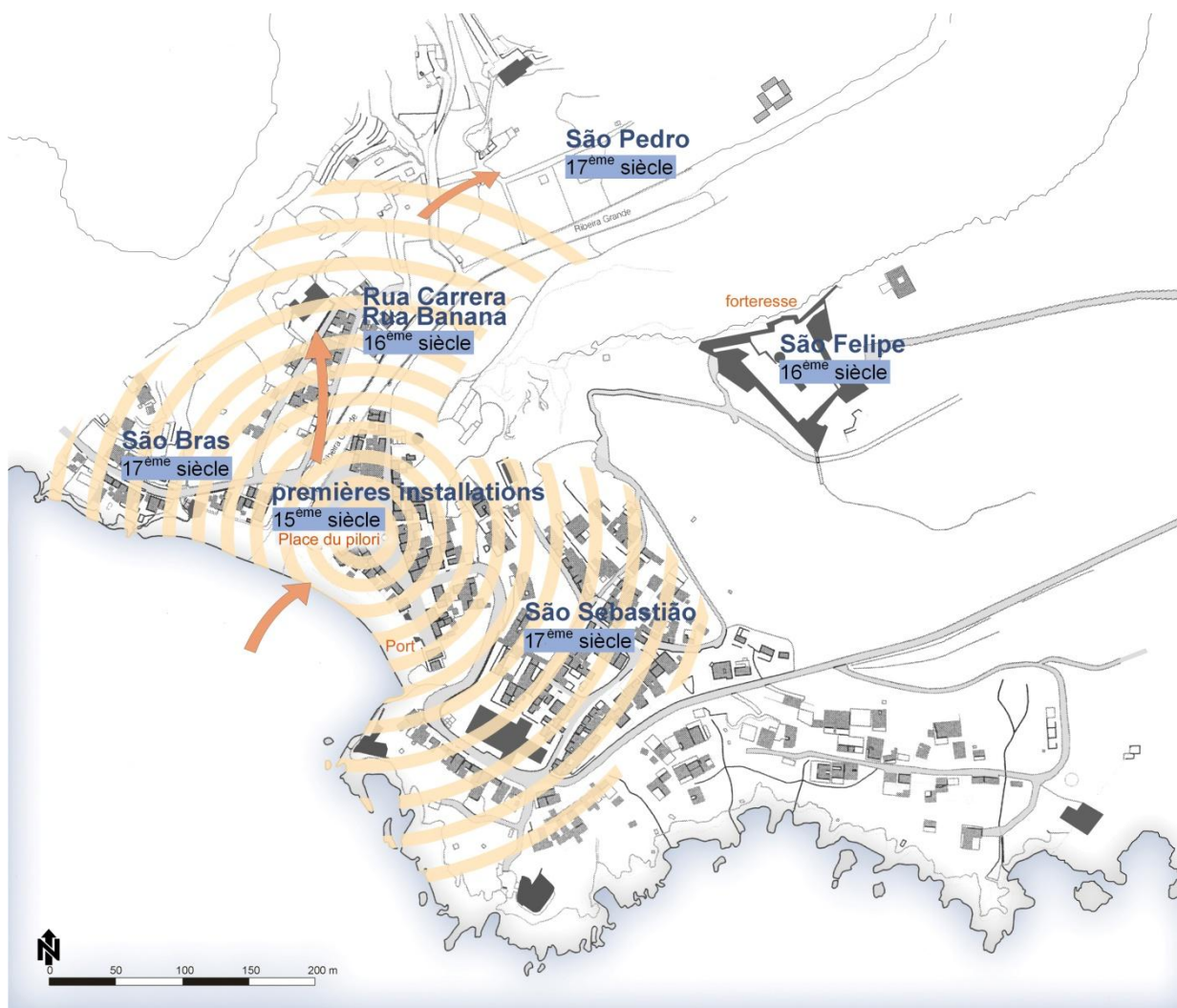
Decreto nº121/90, de 08 de Dezembro de 1990, Cidade Velha – Património Nacional.

.Decreto Regulamentar nº09/2005, de 21 de Março de 2005, Circuito Turístico Integrado da Cidade Velha, in B.O. nº 12 de 21/03/05.

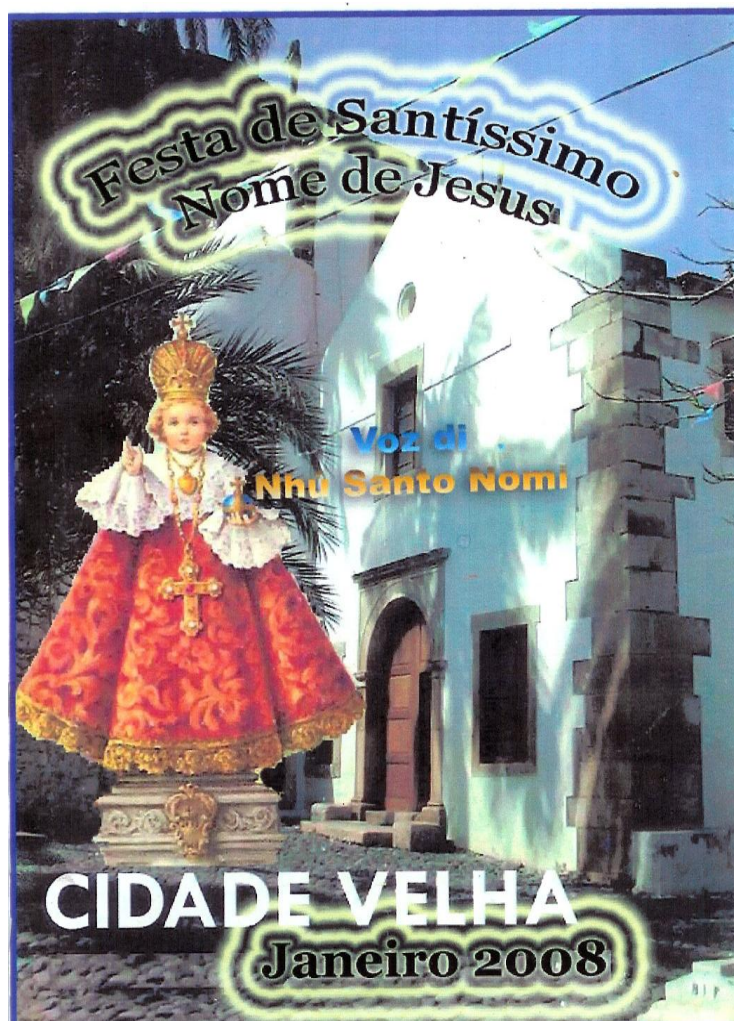
Dossier de candidatura da Cidade Velha a património da humanidade (2006 -2008), apresentado à UNESCO pelo Governo de cabo Verde a 18 de Fevereiro de 2008.

CONVENÇÃO DA UNESCO (1972): sobre a Protecção do Património Mundial Cultural e Natural, Paris, 23 de Novembro;

ANEXOS



2. Carta actual da Cidade, que demonstra a ocupação populacional por zonas e por Século, in Dossier de Candidatura.



3. Fotografia de Santíssimo Nome de Jesus: cedido gentilmente pelo Padre Custódio Campos.

Inquérito

No âmbito da elaboração de um trabalho científico para obtenção do grau de Licenciado, pretendemos apresentar um trabalho intitulado a festa do Santíssimo Nome de Jesus no contexto da Ribeira Grande - Cidade Património e para o efeito, propõe-se realizar um inquérito a algumas pessoas da Ribeira Grande de Santiago.

O objectivo é recolher informações sobre como e o que tem sido essas manifestações festivas. Eis, as questões que nos servirão de guião.

1. Gostaríamos que nos falasse da função desta freguesia tendo em conta os seguintes tópicos:
 - a) Quando foi criado?
 - b) Por quem?
 - c) Porquê a designação?

2. Quando se começou a celebrar esta festa e como tem sido feita a preparação da festa tendo em conta:
 - a) A data do início da festa
 - b) Tempo de preparação
 - c) Actividades realizadas dentro e fora da igreja
 - d) A posição da igreja perante os actos profanos
 - e) Importância dessas festas para os Municípes e para os visitantes em geral

3. Diga-nos quando se começou a festejar esta festa em Cidade Velha tendo em conta o seguinte:
 - a) As diversões no passado e na actualidade
 - b) A gastronomia
 - c) As pessoas que mais se destacaram no passado e na actualidade
 - d) O comportamento das pessoas no decorrer da festa

4. Na actualidade começou a verificar-se algumas alterações relativamente a esta festa. Na sua opinião, porque aconteceram essas mudanças?